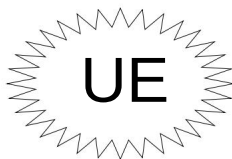


DIÁLOGOS DE PAZ
Poetas contemporâneos em
diálogo com
clássicos hispânicos

Redação para
Giovanni Campisi



Edizioni Universum

Todas as traduções, gravações eletrônicas, reproduções e adaptações totais ou parciais, para todos os meios (incluindo microfilmes e fotocópias), são reservadas para todos os países. O editor poderá conceder permissão para reproduzir uma parte não superior a uma parte decimal deste volume. Os pedidos de reprodução devem ser dirigidos à Edizioni Universum, Via Italia 6, Capri Leone (ME) 98070, Itália, União Europeia.

Correo eletrônico: edizioni.universum@hotmail.it Tel. 0039 331 844 4673

1ª EDIÇÃO: Abril de 2026

Autor: Giovanni Campisi

Título: DIÁLOGOS DE PAZ

Legenda: Poetas Contemporâneos

Em diálogo com os clássicos hispânicos

Avaliação de Patrícia Mónica Vena

Na portada: "Donde caen las bombas,

"A arte de se reerguer pode trazer esperança"

Pintura de Giovanni Campisi

Impressão digital

Copyright © 2026 por Edizioni Universum Sede

legal: Via Giovanni Pedrotti 2 – 38121 Trento

Escritório administrativo: Via Italia 6 – 98070 Capri Leone (ME)

Correo eletrônico: edizioni.universum@hotmail.it Tel. 0039

331 844 4673

Site: eduniversum.altervista.org

Propriedade literária reservada – Impreso en Italia

Prefácio

Este volume nasce de uma profunda convicção: a poesia, em todos os tempos, é um território onde a humanidade é reconhecida, questionada e abraçada. As vozes contemporâneas que encontramos — procedimentos da Espanha, América Latina, Israel, Itália, Áustria e outros horizontes culturais— O diálogo com os grandes autores da tradição espanhola não os parafraseia, mas sim dá continuidade a uma conversa inédita: a conversa é sobre paz, dignidade, memória e esperança.

Esta análise comparativa que compõe este livro é uma fonte. Uma ponte entre laços, entre sensibilidades, entre feridas e anelos. Poetas reais escritos a partir de um mundo convulsivo.

por guerras, exílios, desigualdades e perdas; os clássicos, desde seus próprios abismos históricos e espirituais. Mesmo assim, há um erro impulsivo: transformar a dor em discurso, o falar em consciência e o falar em gesto de humanidade.

Nestas páginas, o mundo não aparece como um conceito abstrato nem como um ideal distante. A onda surge como um problema íntimo, sensível e comum. Para outros autores, a paz é um legado; para outros, uma ferida.

que aún sangra; Por outros motivos, uma flor que insiste em abrigar o fundo do rocío helado del sufrimiento. Os clássicos hispânicos — Machado, Quevedo, Bécquer, Lugones, Maragall, Vallejo — não são figuras de museu: são interlocutores vibrantes que iluminam, orientam e enriquecem a leitura dos poetas contemporâneos.

Este livro oferece, portanto, uma dupla leitura: ver o presente com os olhos do passado e ver o passado com a sensibilidade do presente. Nesse ponto crucial de milagres surge uma verde luminosa: a poesia é um ato de resistência, um refúgio, uma bússola moral. E, acima de tudo, um espaço onde ninguém deveria estar quedar atrás.

Estas páginas convidam o leitor a escutar as palavras que ouve, a reconhecer nelas um eco-próprio e a descobrir que, mesmo nos momentos mais sombrios, a palavra é um lugar onde a paz pode nascer.

Porque a paz — assim como a poesia — é um diálogo. Este livro é um convite para participar das eleições.

G. Campisi

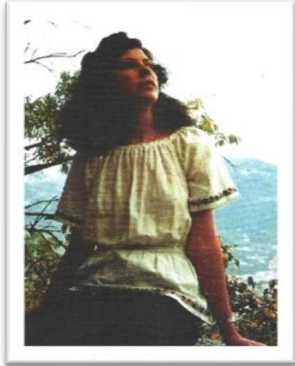
**Diálogos de Paz:
Poetas contemporâneos
em conversa
com os Clássicos Hispânicos**



*À minha amada esposa **Renza Agnelli**, poetisa, escritora e ensaísta,
que dedicou sua vida ao ensino e à cultura do país por meio de suas
inúmeras obras literárias.*

NADIE DEBE QUEDARSE ATRÁS

Renza Agelli



Com o coração pesaroso, este
mundo já nasceu dos guerreiros, onde o lamento
dos povos se mistura com a chegada
e a esperança se fixa nas
estrelas.

No lugar onde minha alma descansará, rezaré
por uma paz que não conhece limites, por quem leu
minhas obras literárias e por quem as
descobriu no tempo que venderá.

Seré mãe para todos, como
o futuro para meus ex-alunos, que
só levam no coração os milhares
de amor, de solidariedade e de respeito que juntos
cultivamos.

Meu credo é simples e eterno:
nadie deve quedar atrás.
Cada ser humano merece sua luz,
sua ocasião, seu caminho.

Rocca di Capri Leone, 6 de junho de 2025

Maestra, poetisa, escritora e ensaísta, **Renza Agnelli**
É uma figura de grande prestígio cultural, marcada por uma
forte vocação tanto para o ensino quanto para a escrita,
caminhos que se cruzam. De criança que demonstrou um
talento precoce para a poesia, passou a figurar, há um ano,
no mundo da literatura, com uma extensa análise de mais de
três páginas sobre os relatos que circulavam em torno da
morte do ex-presidente John Fitzgerald Kennedy.

Ao longo de sua trajetória, foram criadas **obras mais
quinqüentes** entre narrativa, ensaio e poesia, consolidando-
se como um autor prolífico e versátil.

Este último livro, *El Retrato de Lady Jane*, foi publicado em
agosto, pouco depois de seu fracasso, como o testemunho
final de uma vida dedicada inteiramente à oratória.

“A paz como legado e como missão: Renza Agnelli em diálogo com Antonio Machado”

A poesia de Renza Agnelli em *Nadie debe quedarse atrás* apresentou-se como um testamento espiritual, um gesto máximo de amor hacia el mundo que abandona. Do primeiro verso —“Con el corazón lleno de lor, / dejo este mundo herido por las guerras”— la autora situa su voz en un umbral: habla desde la despedida, pero even desde la continuidad. Ela viu a terra devastada, a terra das aldeias, a esperança que ela atribuiu às estrelas. E, sem embargo, no meio dessa dor, sua palavra não se vuelve amarga: se vuelve maternal.

Renza se declarou “mãe para todos”, como era para seus ex-alunos, e convidou a poesia a se tornar um ato de coragem, um espírito de amor, solidariedade e respeito.

Essa dimensão verdadeira e efetiva inclui uma ecologia profunda na obra de **Antonio Machado**, um dos grandes clássicos da poesia espanhola. Machado, especialmente em *Campos de Castilla*, também contemplou um mundo ferido — pela injustiça, pelo crime, pela violência — e respondeu a ele com uma mistura de dor e esperança. Essa poesia não é mera contemplação: é responsabilidade moral. Em poemas como *El mañana efímero* ou *A un olmo seco*, la esperanza se convierte en un acto de resistencia,

Num gesto de fé na dignidade humana inclusiva, mesmo quando tudo está perdido.

A harmonia entre ambos os poetas é evidente.

Renza Agnelli, como Machado, ouve a paz não como um estado abstrato, mas como uma falha humana que nasce no interior: “Marchemos hacia la paz / primero en el alma”.

Machado se reconheceu nesses versos próprios com a convicção de que a transformação do mundo começa pela transformação do coração. Ambos os poetas conciben a paz como um caminho ético, íntimo, que depois se projeta para a comunidade.

No entanto, a diferença entre eles é revelada. Machado escreveu da terra, da paisagem castelhana, da história coletiva da Espanha. Sua voz é a de um caminhante que observa, reflete e denuncia. Renza Agnelli, em mudança, escreve desde um lugar liminar, quase transcendente: fala desde a despedida, desde a consciência de que sua alma “descansará” em outro espaço. Este poema assume a forma de uma flexão, de um legado dirigido a quienes la leyeron e a quienes la leerán.

Donde Machado camina, Renza acompanhante; onde ele observou o mundo, ella lo abraza.

E, sem exceção, temos também um núcleo ético inconfundível: a ideia de que Nadie deveria estar em casa. Machado o expressa na defesa dos humildes, dos esquecidos, dos que sofrem em silêncio. Renza a fórmula como um credo: “Meu credo é simples e eterno: / nadie debe quedar atrás.”

Essa frase pode ter sido escrita por Machado.

cuya poema sempre buscó dar voz a quienes no la tenían.

Há também uma gentileza na forma como ambos os poetas compartilham esperança. Machado encontra-se no brote verde do olmo seco; Renza na estrela que se perdeu a esperança, na oração que prometeu oferecer “por uma paz que não conhece limites”. Na verdade, a esperança não é inocente: é um ato de voluntariado, um compromisso com a vida inclusiva quando a vida é dual.

Assim, *Nadie debe quedarse atrás* puede de leerse surge como uma extensão contemporânea do impulso mecânico: a poesia como responsabilidade moral, como gesto de amor à humanidade, como sêpia de luz num mundo ferido. Renza Agnelli, com sua voz maternal e luminosa, reconheceu essa tradição e a transformou num legado íntimo, dirigido a todos, sem exceção.

Ambos poetas, cada um desde o seu tempo e sua sensibilidade, nos lembramos que a paz não é só um desejo: é uma missão. Uma missão que invade a alma e se estende por toda parte. Uma missão que, tal como a poesia, já não conta com Nadie Atrás.

G. Campisi

Cierra tus ojos y sueña,
Que os céus cálidos estão impregnados de reflexo azul do mar.
Cerre seus olhos e sueña que o verde que habita é esperança
Cerre seus olhos e sueña que os vermelhos carmesíes son vida y no pain

GUERRA E PAZ

Maria del Carmen Aranda

Eu me encontrei em las palabras
batidas con la sangre de los muertos.
E se nubla-me, lamentando,
ouvindo os gritos silenciados de
“meninos perdidos,
ausentes de amor”.
Eles me matam de novo no treinamento.
de verme hipócritas sonrisas,
sentindo como ácidas puñaladas o
picoteo de un vaciándome
o interior.
Imundo, pernicioso,
veste-se com
o fim da linha
de depravação.
Eu ouço as palavras que falo e
encontro prédios com o
sangue dos mortos que vivem a
minha vida.
Muertos deambulando

nus,
buscando ser envueltos
por el dulce color
do amor.

María del Carmen Aranda Escritora e poeta madrileña. É vice-presidente da Academia Norteamericana de Literatura Moderna Internacional (ANLMI) e Honorária da ONG "Otro Mundo es Posible". Ocupa vários membros da Academia Internacional de Ciências, Tecnologia, Educação e Humanidades de Valência e da Academia de Literatura e Arte da Guiné-Bissau, assumindo a responsabilidade pela delegação de Relações Nacionais/ Internacionais da Asociación de Escritores de Madrid (AEM). Embaixadora da Paz do Círculo de Embaixadores com sede em Paris-França e Ginebra-Suíça. Das nossas publicações: *Flores entre Escombros*, *Las Ventanas del Mundo*, *Susurros al Aire* ou *la Quinta Clave*, receberam distinções especiais de organismos distintos da América Latina / EUA como da sua terra natal, a Espanha.

Entre eles, a tradução em formato áudio pela Organização Nacional de Cidadãos de Espanha (ONCE) e o estudo e análise na Universidade de Baylor-Texas (EEUU) do seu livro *Flores entre Escombros*. Prologuista e com mais de uma veia de antologias, proferiu conferências na Universidade Nacional Federico Villareal de Lima (UNFV) sobre literatura sem censura. Participante em mesas redondas no Ateneo de Madrid, Biblioteca Pública de Retiro entre outras províncias distintas de Espanha. Em maio de 2023, palestrante do Departamento das Nações Unidas (EEUU) para expressar a Importância da Língua Espanhola como Interconexão Cultural no Plano Educacional.

Maria del Carmen Aranda e Francisco por Quevedo: das miradas madrileñas hacia la herida del mundo

Ler *Guerra y Paz* de María del Carmen Aranda adentrou um território onde as palavras eram silenciosas, eram ahoga, eram fundadas com o sangue dos mortos. A poeta escreve a partir de uma expressão interior que não consegue embelezar a tragédia, mas sobretudo é como ela é: aspera, hioriente, quase insuportável. Não se descreve a guerra: a dor. Não se observa a dor: ela a encarna. Por outro lado, há uma longa escuridão, uma respiração lenta, uma intenção de enumerar os inumeráveis.

Essa intensidade emocional, essa crueza sem filtros, encontra um eco surpreendente na obra de **Francisco de Quevedo**, um dos grandes escritores madrilenos do Século de Ouro. Quevedo, além de poemas mais sérios — morte, corrupção, hipocrisia humana— também escreva de um tremor interior. Sua mirada é feroz, lúcida, implacável: e a podredumbre moral além das sonrisas, a falsidade além dos gestos, a violência escondida na vida cotidiana. Aranda, de outros tempos e de outra sensibilidade, já o fez: descobrir a hipocrisia, sinalizar as “miradas impuras”, denunciar os sons que escondem a depravação.

Ambos os poetas compartilham uma capacidade singular de **converter a dor em uma imagem física**. Em Aranda, a pele que fere o interior é uma metáfora viva, talvez tátil, da perda emocional. Em Quevedo, a morte ali

A corrupção também vê peles, olores, heridas. Os dois são escritos a partir de um realismo visceral que não mostra a crueza do mundo.

Mas isto é mais profundo do que uma coisa: **a consciência de que as palavras se quebram diante do horror.**

Deixe-me dizer isso explicitamente: as palavras são baseadas, são ahogan, estão misturadas com o sangue dos mortos.

De fato, em muitos de nossos poemas, mesmo os mais sombrios, existe também uma linguagem silenciosa, que não se mostra alienada diante da certeza da morte e da miséria humana. Contudo, essa linguagem se mostra insuficiente quando a realidade é demasiado palpável.

No entanto, o embargo, no meio desta escuridão, parece um gesto de humanidade. Aranda imaginou os “mortos deambulando des nudos” buscando a cor do amor.

Mesmo que você inclua mais luz no olhar, você reconhece que falta luz, beleza e consuelo ao nosso ser humano. Os dois poetas, cada um de sua maneira, deixem aberta uma greta por onde entrem na esperança, mesmo que seja, mesmo que seja frágil.

Assim, podemos ver um antes do outro, María del Carmen Aranda e Francisco de Quevedo parecem conversar de dois Madrid distintos —um contemporâneo, outro barroco— mas com uma mesma sensibilidade: a certeza de que a guerra, a violência e a hipocrisia não são apenas hechos históricos, sino heridas que traviesan a alma humana. E essa poesia, quando dói, quando acalma, é o lugar onde pode ser escrita por muitos.

G. Campisi

A FLOR DE PAZ

Maria Cristina Azcona

Abra suas pétalas de terciopelo
Enquanto o cubo gelido rocío
Hecho de lagrimas que forman rio,
Dos que sofrem sem ter consuelo.

Rosa el fulgor desapareceu do frio
Da sua cor a um céu celestial.
Ya ni el pain, el miedo ou el flagelo
Mantenha o aroma vivo previamente.

Quiere dar-nos paz baixo um sol dourado,
Esmeralda el cáliz, la faz sedosa...
A sensação de que, no fim do mundo, tudo mudou...

Flor que nos da seu fruto, generosa...
¡Debería crescer sobre este prado!
¡Em vez de morte vil e guerra odiosa!

María Cristina Azcona - Poeta e escritora bilíngue de reconhecimento internacional, psicóloga e fundadora e presidente da Organização Mundial da Paz (www.wwpo.org).
11 livros publicados.

Maria Cristina Azcona e Leopoldo Lugones: das argentinas maneiras imaginar paz e luz.

La flor de la paz de María Cristina Azcona é um poema escrito como a própria flor que descreve: com suavidade, com um brilho íntimo, com um profundo desejo de transformar a dor em esperança. A poeta constrói uma imagem central — a flor — que funciona como símbolo de consolo, renascimento e harmonia. Em nossas costas há muitas cores, texturas, sensações táteis e luzes: pétalas de terciopelo, um rocío dourado, um céu celestial, uma esmeralda cálix. A paz, em sua visão, não é uma abstração: é uma presença viva, ainda que palpável, que se desdobra na natureza como

Uma promessa.

Essa maneira de trabalhar com o símbolo e a luz encontra um eco profundo na obra de **Leopoldo Lugones**, um dos grandes poetas argentinos do início do século XX. Lugones, especialmente em *Lunares Sentimentais* e em poemas mais líricos, também utilizou a natureza como cenário no qual espíritos espirituais se manifestavam: a lua, as estrelas, as cores, o brilho metálico ou celeste. Essa poesia é a história de

Imagine que busca elevar o ponto de vista do leitor a um plano mais elevado, mais puro, mais ideal.

Em Azcona, a flor é um emblema de paz que vence al miedo, al dolor y al flagelo. Em Lugones, a luz — seja mar lunar, solar ou estrelas — também aparece como um fogo que purifica, que ordena, que revela. Ambos os poetas comparam a convicção de que a beleza natural pode se converter em um caminho que traz harmonia ao interior.

Mas há mais do que isso: **a musicalidade do verso**. Azcona compôs com um ritmo clássico, com uma rima consonante, com uma cadência que se recolhia dos sons tradicionais. Lugones, ainda mais experimental, também cultivou a forma clássica com uma maestria sonora que marcou toda uma geração. Eles compreendem que a paz — tal como a poesia — requer uma ordem, uma estrutura, uma harmonia interna.

No entanto, a ordem mais profunda entre nossos amigos reside na **visão de mundo**. Azcona não se limita a isso. para descrever uma flor: converta-a em um chamado. Su O poema terminava com um desejo claro: que esta flor desabrochasse no prado, no lugar da guerra e da morte. Lugones, ainda mais ambíguo em sua relação com a política e a história, também escreveu poemas sobre a natureza e a beleza que funcionam como um refúgio diante da violência do mundo moderno. Em ambos

Nesses casos, a poesia se vê como um espaço de resistência espiritual.

Então, podemos conversar de uma forma ou de outra, Maria Cristina Azcona e Leopoldo Lugones podem falar sobre momentos distintos da literatura.

Argentina, mas com uma sensibilidade singular: a certeza de que a luz, a beleza e a natureza podem oferecer um caminho para a paz. E que a poesia, quando escrita com a clareza do coração, pode se transformar em uma flor que ilumina até os momentos mais sombrios.

G. Campisi

EN TANTO QUE SE OXIDAN LAS ESPADAS

Antonia María Carrascal

Tudo é culpa do luxo dourado: não houve guerras quando presidiu o banquete uma copa de haya ALBIO TIBULO (54 -19 AC)

Vamos ensinar nossos filhos a apreciar os frutos do nosso meio ambiente: as plantas e as árvores, os animais e os próprios seres humanos; Quando mantenho minha cidade limpa, minha casa, minha consciência, e não uso roupas que se deterioram, não preciso manter a casa em boas condições até que seja necessário removê-la, estou em paz com isso.

No entanto, temos que pagar por todos os benefícios que a empresa concede, se você somar os valores correspondentes e evitar o pequeno preço da montanha e da água, se você usar apenas o transporte de ônibus, onde é imprescindível e você não precisa se preocupar com isso, seja bem-vindo. Paz comigo.

Quando a chuva cai nos campos
e ouço que as florestas
estão protegidas, e isso corrige as
deficiências que podem proteger o
ser humano, fico feliz e contente.

Não haverá paz após o genocídio
da guerra, nem casas queimadas.

Sean bosques e vinhas nos acampamentos perto dos
ejércitos e, desde que oxidemos as
lâminas que obtemos nos bosques para o vinho.

Antonia María Carrascal, autora nascida em Sevilha e residente em Carmona. É um dos membros da comunidade social do **Ateneo de Sevilla**; del Centro Andaluz de las Letras (**CAL**) , a Asociación Colegial de Escritores (**ACE**) e a Asociación Andaluza de Escritores y Críticos Literarios "Críticos del Sur" (**AAEC**). Autora de livros de poesia (para adultos e crianças), relatos e novelas juvenis, conta com numerosos prêmios entre os que cabe destacar o acesso ao Prêmio Cidade de Córdoba Ricardo Molina, Antonia María Carrascal figuram simismo em antologias significativas e colaboram em diversos meios de comunicação literária. **O Centro Nacional de Inovação e Investigação Educacional** depende do **Ministério de Educação, Cultura e Desporto do Governo de Espanha** citado entre os **recursos educativos** por Miguel Hernández no artigo de [Antonia María Carrascal](#) "Perito en lunas no es el primer libro de un poeta cabrero".

Antônia Maria Carrascal e Gustavo Adolfo Bécquer: vozes das sevilhanas que busca a paz desde o intimidado

Enquanto as *espadas estivessem oxidadas*, elas adentraram um território onde o país não se apresentava nem como um entendimento diplomático, nem como um ideal abstrato, muito menos como um modo de vida. Antonia Maria Carrascal

Construa seu poema com gestos comuns: ensine as crianças a apreciar a natureza, a manter a cidade limpa, a usar apenas o necessário, a respeitar a terra e a água, a compreender o ciclo da chuva e das florestas. La paz, para ella, nace de una personal etica, de una relación harmoniosa con el entorno y con los demás. É uma paz que se pratica, não que se proclama.

Este milagre íntimo, em casa, tem uma profunda ecologia na obra de **Gustavo Adolfo Bécquer**, o grande poeta sevilhano do Romantismo.

Embora Bécquer não escreva sobre a paz em termos sociais ou ecológicos, se compararmos com Carrascal a convicção de que o essencial se encontra no pequeno, no silêncio, no âmago do interior.

Suas *Rimas* estão cheias daquela busca de serenidade, de pureza, de um equilíbrio que só pode alcançar quando a alma se reconcilia com misma.

Em Carrascal, a paz se constrói com a consciência limpa, respeitando a natureza e vivendo com sobriedade. Em Bécquer, a paz surge como um estado espiritual que nasce quando o coração já desfruta de algo contrário a si mesmo. Ambos os poetas, de mundos diferentes, coincidem no fato de que a harmonia verde não se impõe ao futuro: ela é cultivada interiormente.

Há também um ponto a destacar especialmente em bello: **a relação com a natureza como refúgio e domínio.** Carrascal vê na chuva, nos bosques, nos acampamentos, uma fonte de equilíbrio e sentimento. Bécquer, em mais contos e mais poemas, também transforma a natureza num espaço de revelação: as florestas, as ruínas, os rios, os céus noturnos são os cenários em que a alma é reconhecida e transformada. Ambos os poetas olham para a natureza não como uma paisagem, mas como um interlocutor.

No entanto, a maior preocupação entre os demais reside na **reação que precede a violência.**

Carrascal explicitamente rechaza a paz que chegou depois do genocídio, a paz construída sobre casas calcinadas. Bécquer, mesmo que não seja uma palavra de guerras contemporâneas, ele expressa em muitos textos seu rechaço à brutalidade, à destruição, a tudo o que rompe a delicadeza do espírito humano.

Los dos defienden una paz que nece del miedo ni de la imposition, sino de la vie misma.

A parte final do poema de Carrascal — queremos saber que os exércitos próximos dos bosques e vinhas, e que os vinhos dos vinhos são feitos de madeira onde as espadas estão oxidadas — pode ser entendida por Bécquer como uma metáfora perfeita: a vitória do vivo sob o violento, do ser humano vivo. lo belico, lo natural sobre lo destructive.

Então, podemos falar de uma forma ou de outra, Antonia María Carrascal e Gustavo Adolfo Bécquer estão falando sobre as diferentes Sevilhas — uma Contemporâneo, outro romântico — mas com a mesma sensibilidade: a certeza de que a paz nascerá da consciência, da naturalidade e da delicadeza interior. E que a poesia, quando escrita a partir dessa luz, pode se converter em um ato de resistência luminosa contra a violência do mundo.

G. Campisi

EM BUSCA DE LA PAZ

Higorca Gómez Carrasco

Quiero caminar, passar por um remetente
que huela a jazmín,
pasear mientras el aire mueve
lindas flores azuis,
de aroma doce que ayer estaban aqui.
¡No maltratéis los caminos!
Deixe que crezcan os hibiscos,
flores vermelhas muito bonitas.
Me da pena caminhar entre as rejas
de um campo de refugiados.
Para a vereda de árvores cortadas.
Primeiro, registremos nossos sentimentos...
Deixe que crezca tudo o que você tem vida
Embora as crianças tenham nascido dela,
em busca de uma paz serena.

Higorca Gómez Carrasco - Mazarrón (Espanha).

Estudos Universitários da Faculdade de Medicina e Economia da
Complutense de Barcelona. Belas Artes na Escola Massana, de
Barcelona. Aulas com o maestro de pintura Don José Puigdeangolas.

Numerosos prêmios literários internacionais. nacionais e

Higorca Gómez Carrasco e Joan Maragall em diálogo sobre paz e natureza

A poesia de Higorca Gómez Carrasco *em busca da paz* se abre como um remetente que convida a viajar despacio, a oler el jazmín, entreaberta que el aire mueva as flores azuis que ayer estaban allí.

Esse gesto inicial — andar, andar, respirar — é apenas uma descrição: é uma declaração ética.

Higorca considera a natureza um espaço frágil que deve ser protegido, um território onde a vida exige que sua criação seja feita sem violência.

Cuando exclamou “¡No maltratéis los caminos!”, no habla unicamente de terra e plantas, sino de la dignidade misma del mundo.

Neste ponto, você ouviu uma ecologia profunda em Joan Maragall, o grande modernista de Barcelona que via na natureza uma esperança moral. Em Maragall, a paisagem catalã — os prados, as montanhas, as áreas rurais — era um cenário no qual a alma humana se revelava. Em poemas como **vaca ciega**, a natureza não é um pano de fundo decorativo, mas sim um organismo vivo que sustenta, resiste e ensina. Ambos poetas compartilham essa convicção: a natureza fala, e seu deterioramento é também o deterioramento de nossa consciência.

No entanto, o tom com que cada um se ouve nesta paisagem é distinto. Higorca escreve desde uma ternura herida, desde uma sensibilidade que

mistura a beleza da estrada com a brutalidade da
O presente. A irrupção do “campo de refugiados” no meio do
poema é um sentimento de tristeza, uma melancolia que
rompe a serenidade inicial. A poeta não se refugiou na
contemplação: ela viu a violência do mundo contemporâneo e
a introduziu no âmago do poema, como se dissesse que a paz
interior poderia nascer se não nos distanciássemos da dor.

Maragall, por sua vez, tende a uma contemplação mais
filosófica, mais trágica. Sua mirada sobre a naturalidade é
profunda, mas raramente se detenha em um momento histórico
concreto. Queima a essência, a luz que define a vida e a
morte. A sua denúncia é moral, não social; universal, não
circunstancial.

Donde Higorca sinalizava um campo de refugiados, Maragall
sinalizava a morte da humanidade, sua incapacidade de viver
em harmonia com a rodeia.

E, sem exceção, ambas convergem para um símbolo
luminoso: a infância. Higorca já afirmava que as crianças vão
à verdade “em busca de uma paz serena”, como se fossem
as únicas capazes de inaugurar um novo mundo. Maragall
também via na infância uma forma verde, pura, sem qualquer
distorção por parte do vestuário ou da resignação. Mas, ao
contemplá-la como um estado espiritual, até mesmo místico,
Higorca a transforma em um horizonte político e emocional: as
crianças são o futuro, uma jornada sem história, sem árvores
baixas, sem medo.

A diferença mais profunda entre essas questões reside na direção do seu olhar. Maragall mira hacia dentro, hacia la essence del ser humano y su destino. Higorca mira hacia fuera, hacia el mundo herido que la rodea. The busca includes; ella busca protect. Él contemplated; she acted. Mas as nossas costas, dos nossos tempos e sensibilidades distintas, coincidem num ponto essencial: a paz é um conceito abstrato, senão uma forma de jornada pelo mundo. Uma maneira de lidar com as estradas, as árvores, as crianças, a vida.

Nesse sentimento, *In busca de la paz* podría leerse como uma extensão contemporânea do espírito maragalliano: a mesma fe in the natureza como uma mestra moral, mas que pode servir ao serviço de uma emergência histórica. Higorca no solo canta la belleza del sendero; lo defend. No solo evoca a primavera; pediu por ela. Há esse gesto, sua poesia dialogando com a tradição, mas também a renovação, o olhar necessário, presente, vivo.

G. Campisi

GUERRA NA UCRÂNIA

Sara Ciampi

O povo ucraniano,
com sua geração,
Que vivam os horrores da guerra.

Há dor, há perda.
trae siempre una guerra
a civis inocentes,
aunque a veces parezca necesaria
para o triunfo da paz,
Liberdade e democracia.

Nosso período de guerra na Ucrânia:
Esta é a dramática lição da História.
Essa pessoa tem humanidade.

Sara Ciampi nasceu em Gênova, Itália, em 24 de janeiro de 1976. Obteve seus primeiros números de publicação na Itália e em outros países. Seus poemas foram traduzidos e publicados em 22 idiomas. Possui 95 livros de poesia bilíngues. Foi incluída entre os escritores contemporâneos no programa de estudos da Universidade de Gênova. Em 2023, terei inveja das cartas e das contracapas dos meus livros de poesia a Volodymyr Zelensky e Ursula von der Leyen, que apreciam sua obra literária e receberam suas fotos autografadas como seus trabalhos mais valiosos. Foi candidata em diversas ocasiões ao Prêmio Nobel de Literatura. Em 2022, será nomeada “Grande Dama da Arte Poética”.

Sara Ciampi e César Vallejo: um diálogo entre seres humanos aqui

Quando se lê *Guerra na Ucrânia* de Sara Ciampi, um sentimento que o poeta se coloca no mundo como quem abre a janela para que entre a luz — embora essa luz ilumine uma tragédia. Sua voz é clara, direta e cristalina. Habla sin rodeios del dolor, da inocência herida, da guerra que vulve se repetirá na História como uma lección amarga que todos compartilhamos. Nesta clareza, nesta vontade de decidir sem adornos, há uma etiqueta profunda: quero que a palavra seja clara para o leitor, sem obstáculos, sem bicicletas.

Embora seja o caminho que **César Vallejo percorre**, ambos se encontram no mesmo território moral: o sofrimento humano. Vallejo não abre una ventana: quebrar uma parede. Sua linguagem não flui, ela está aí. Este verso é aqui escrito a partir de uma herida aberta, de um tremor interior que não pode ser contido. Enquanto Ciampi observava a guerra a partir de uma distância reflexiva, Vallejo a vive como se a carne do mundo fosse a sua própria.

Em Ciampi, a guerra é um fato histórico que precisa ser compreendido; em Vallejo, é uma perda que precisa ser sentida. Ela tem o hábito de falar de “civis inocentes” com a serenidade de quem pede que a mensagem seja ouvida por todos. Ela, por sua vez, convida o leitor a vivenciar uma dor que não pode ser ignorada, porque sua língua mesmo se quebra, se tuerce, se vulve un cuerpo que sufre.

E sem embargo, ambos llegan al mismo lugar: entra a convicção de que a guerra não se perde para um país, mas para a humanidade. Ciampi lo dice explicitamente, com a calma de uma reflexão universal. Vale a pena sugerir a intensidade emocional, como se cada tragédia fosse a tragédia de todos.

A diferença entre eles não é sensibilidade, nem método. Ciampi elege a transparência para que a verdade seja revelada. Vallejo escolheu a fratura para que o duelo de verdade.

Mas ainda mais tarde, a mesma certeza: que a poesia, ao se deparar com o horror, não pode se limitar à descrição. Transforma-se em consciência. Ciampi lo hace con la luz de la claridad; Vallejo, with the fuego of emotion. Caminhos distintos que conduzem a uma mesma verdade ética: a defesa do nosso ser humano confronta a violência da História.

G. Campisi

A ÚLTIMA BATALHA

Vasiliki Dragouni

Este poema nasce do silêncio da
solenidade narcisista e de
caminhar negligentemente pelos
campos da consciência – estas palavras não são
intencionais, nem guiadas, nem controladas.

Este mundo nasce do caos e da
confusão, de uma
camada de material genético e de
epigramas de tumores abertos —pero
aun así lo amamos, siempre
and of all modes.

Esta guerra nasceu do fogo e
das bolas de grandes armadas, e da pouca
paciência para sustentar o passador — antes que
explodisse como uma explosão em nossas
mãos.

Esta é uma copa de vinho que nasce de uma fonte
incontrolável de báquicos
mistérios, num campo transbordante de
amapolas — a dança que sacude a
tierra guía nuestras visiones.

Esta música nasceu de um arranjo estelar, de
um eclipse solar e de um sinal de Marte — o anjo estava
depuesto, aplastado, antes de finalmente
ser salvo.

Este é o nascimento dos sussurros
e das expectativas assimétricas.

de sonhos de auto-submissão
e um desejo incontrolável
—uma eleição consciente guiada
Para uma necessidade invisível.
Este é o nascimento da negociação exógena.
de visões, de emoções desesperadas
e dor insensível
—a história não é uma invenção contemporânea.
Esta verdade do conhecimento
e vaidade, códigos secretos
e de símbolos de seleção
—gravados nos quartos dos cinco que vieram.
Este é o nascimento da calma após o tormento.
de um momento de remorso
antes da última batalha
—a dependência da esperança
Foi o único acordo que apoiamos.
Esperamos ter paciência, se necessário.

Vasiliki Dragouni nasceu em Atenas. Estudando inglês, literatura europeia comparada e obtendo o título de mestre em estudos internacionais e europeus. Trabalhar no setor de aviação. Publicou seis poemas: *Vuelo hacia la luz*, *Luna en escorpión*, *Paisajes del ser*, *Por instinto*, *Todo lo que piensas* y *Tinta roja*; a coleção de microrrelatos *A rosa vermelha no coração*; os volumes das relações *Espejos convexos* e *Grietas en la fachada*; e a micro novela *La otra mujer*.

Vasiliki Dragouni e Octavio Paz:

miragens traseiras que nasceram do caos

Ler *La ultima batalla* de Vasiliki Dragouni es como enterr en un territory donde cada cosa—un poema, un mundo, una guerra, una copa de vino, una verdad— porque surge de uma origem obscura, bastante primitiva. Dragouni não descreve esses nascimentos como essas linhas, mas como emanações de um pano de fundo caótico onde há silêncio, fogo, símbolos antigos, símbolos ocultos e escondidos que não terminam na escuridão. Você avança como se caminhasse por uma paisagem com todos os sinais: há aberturas, acampamentos de amapolas, eclipses, quatro marcas das “cinco vindas”. Tudo parece vibrar com um sentimento que não pode ser explicado, mas é isso que é.

É uma forma de conceber o mundo — como berço da desordem, da confusão, de forças invisíveis que nos afligem — encontra um eco natural na obra de **Octavio Paz**. Em muitos de seus poemas, Paz também imaginou a realidade como um tecido de energias contraditórias: luz e escuridão, destruição e criação, desejo e vazio. Portanto, a origem é agora um ponto, ou melhor, um remolino. E Dragouni, do nosso horizonte, porque nós mesmos decidimos: que tudo o que temos e tudo o que fazemos provém de um núcleo instável e vibrante, com seu perigo.

Em Dragouni, cada estrofa é uma pequena parte da criação. Em Paz, cada imagem é a porta de uma casa.

Um centro em movimento. Compreendemos também a intuição de que a vida não afeta a harmonia, senão a tensão.

Há também uma certeza na maneira como ambos os poetas miram o tempo. Dragouni repete a fórmula “É o nascimento de...”, como se fosse parte de um ciclo que você vê de qualquer maneira. La guerra, la consciencia, la paz: tudo parece repetir-se, como se a humanidade fosse capturada num ritmo que não muda. Paz, por sua parte, concibe o tempo como um círculo que se abre e se fecha sem cesar. Em sua poesia, o passado regresa, o presente se expande, o futuro é um eco. Dos dois, dos idiomas distintos, parece dizer que a história humana é uma espiral que nunca termina de resolver.

Aí está o mundo simbólico. Dragouni escreve com imagens que parecem surgir de um certo ritual: misterios báquicos, signals of Marte, ángeles aplastados, cuadernos de vites. Você também vive nesse território onde o visível se mistura com o invisível. Nossos poemas são repletos de fogo, água, pedra, noite e céu: elementos que não são apenas representados, mas revelados. Em outros casos, o símbolo não é um adorno, mas uma forma de reconhecimento.

Agora você questiona o ponto, mas não pode esquecer como entendê-lo. Para Dragouni, a consciência natural da dor, da negociação, das emoções que se desvanecem. Es una lucidez que duele. Em paz, a consciência também é uma ferida: só quem atravessa a escuridão pode ver. Los dos poetas parecen convencidos de que

Compreender o mundo implica aceitar suas fraturas.

E, finalmente, assim como Dragouni e Paz, há um espaço para a esperança. Nenhuma esperança é inocente, mas existe um tipo de impulso vital que persiste mesmo quando tudo desmorona. Dragouni disse com uma clareza comovedora: a esperança era “a única convenção que sustentávamos”. Contudo, ainda mais céptico, reconheço também que o ser humano precisa de ser abraçado para poder avançar.

Assim, pouco antes do outro, Dragouni e Paz podem falar sobre as distintas orquídeas do rio. Ela, com sua visão de nascimentos sucessivos que emergem do caos. Ele, com sua busca do centro da doçaria se mistura. Ambos, sem embargo, comparam a certeza de que a poesia é o lugar em que o mundo se revela em sua plenitude: um espaço em que o caos se vê formado, em que a ferida se vê em palavras, em que a última batalha se trava dentro de si mesma.

G. Campisi

PAZ PAZ PAZ

Elías Domingo Galati

Quanta beleza pode transmitir
la naturaleza quando você tem paz
quantos sons podemos ouvir
armónicos, suaves, que nosso dan solaz.

Quanto trabalho pode ser produzido?
O que é necessário para registrar
que não haya hambre, a infância é feliz
O mundo progride e nós podemos continuar.

Que sentimientos podemos sentir
aqueles que se beneficiam do calor da casa
que maravilloso pode servir à vida,

pecado da guerra, pecado da violência, pecado do desespero,
É isso que você quer e você não tem nada além disso.
onde cada um, tenga seu lugar.

Elías Domingo Galati - Estudioso, advogado, técnico em informática, investigador, poeta escritor. Professor da Universidade de Buenos Aires da Universidade Tecnológica Nacional, e escolas secundárias em Buenos Aires. Diretor do Equipamento de Investigação do Estreito e do Comportamento, Embaixador Mundial da Paz, Genebra, Doutor em Literatura, Miembro Honorário da Word Academy of Arts and Culture, Miembro da Sociedad Argentina de Escritores, Miembro de Pax Pax, Paz Arte y Cultura, Miembro Honorario da Unión Hispano Mundial de Escritores, Miembro de The Cove/Rincon de Miami entre outros. Colunista da Rádio Miami USA e InfoMarruecos, em Marruecos. Autor de Cuadernos de Po, el Destino Metafísico, Paz y Amor, Psicología del Perdón, La violencia, Contar la Realidad como Ficción, Proyectos de Investigación, Saber que não tem de saber, Reflexões e outros. Autor do Projeto de Investigação Aulico Docencia na América, do Concurso Poesias de la Paz, com ex-alunos das Escolas Primárias de Moreno e da Inserção Social a Través da Cultura, projeto de ensino de ofícios a pessoas em situação de rua com Caritas da Catedral de Moreno.

Elias Domingo Galati e Evaristo Carriego em um mesmo latido porteño

A poesia de Elías Domingo Galati em *Paz, paz*, paz se desdobra como uma bela serenidade, uma invocação à beleza que a natureza é capaz de oferecer quando não se perde pela violência. Desde o primeiro verso, o poema respira uma profunda confiança na harmonia: a paz é apenas um estado político ou social, caso contrário, uma condição do mundo que permite que os sons sejam doces, que a vida seja feliz, que o ser humano esteja rodeado pelo sol. Galati escreve desde una mirada limpia, casi pedagógica, como si quisiera recordarnos que la paz no es lujo, sino la base misma de la Existencia.

Essa sensibilidade encontra um interessante contraponto na obra de **Evaristo Carriego**, o poeta clássico de Buenos Aires que, das ruas de Palermo e dos cidadãos árabes, supo capta a vida comum com uma mistura de escuridão, crueza e humanidade. Embora Carriego não escreva sobre a paz de maneira explícita, sua poesia é atravessada por uma busca semelhante: a necessidade de um espaço onde o ser humano possa viver sem medo, sem violência, sem o constante trazer da precariedade. Em seus versos, a paz se vulve um anel íntimo, casi doméstico, ligado ao bairro, ao lar, à dignidade dos humildes.

Galati, por sua parte, a fórmula é anulada em termos mais universais. Habla del trabalho necessário para que não haja quarto, para que a infância seja feliz, para que o mundo progrida. Será ampliado, ampliado e programático: o caminho é um projeto coletivo. Carriego, por sua vez, passa a ser um registro mais intimista, mais dependente da respiração do bairro. Sua paz é o pátio, o bairro que deixa de sofrer, o menino que joga sem saltos. Donde Galati imaginou um mundo reconciliado, Carriego centrou-se na pequena comunidade que lhe permitiu sobreviver com dignidade.

E sem embargo, coincide também num ponto essencial: a paz é a condição que permite viver verdadeiramente. Quando Galati escreve “que podemos sobreviver, sem guerra, sem violência, sem desespero”, é por causa desse diálogo com a sensibilidade do portador, com o profundo desejo de que cada pessoa tenha “seu espaço”, um espaço onde ninguém precise ser visto ou defendido. Carriego habría reconocido en esos versos la misma aspiración que la late en su retratos de los humildes: la necesidad de

Uma única empresa, de um lar que não existe, de uma existência que não foi marcada pelo amor.

A diferença mais notável entre ambos os poetas reside na forma como constroem a sua visão. Galati descreve desde uma clareza luminosa, casi didática, onde cada estrofa avança com a lógica de um raciocínio moral. Seu poema é um chamado,

Uma exortação, um convite a imaginar um mundo melhor. Carriego, em mudança, adentra a penumbra sentimental do arrabal, onde a paz não é proclamada, mas cresce; onde a violência não é abstrata, mas concreta; cuja esperança é um pequeno gesto, embora seja um segredo, mas não para os menores.

E, no entanto, em ambos, a mesma convicção: a paz não é uma ideia, mas uma experiência. É o som harmonioso que Galati tocava na natureza, e é também o silêncio noturno das ruas portenhas que Carriego observava com melancolia. É o calor do lar que Galati celebrava, é a dignidade dos lares humildes que Carriego retrata com respeito. É, em última análise, a possibilidade de que cada ser humano possa encontrar o seu caminho no mundo sem medo, sem espaço, sem violência.

Assim, *paz, paz, paz* pode ser vista como uma extensão contemporânea da sensibilidade ética que Carriego incorporou no seu tempo. Ambos os poetas, desde diferentes registros, nos lembram que a paz não é só um ideal político, mas também uma forma de habitar o mundo. Uma forma de sentimento, de trabalho, de amor. Um estilo de vida.

G. Campisi

LA PAZ NÃO É CONSTRUÍDA COM PALOMAS

Isa Guerra

A paz não se constrói
sozinha com palomas
que viram alto,
blanqueando,
es resolvendo
injustiças
solucionando.

Então, qual é o seu
lugar no
problema das
ruas, nos conflitos
sociais, se
a luz e a água, as
contribuições
do Estado, a
educação,
a universidade, você
pode pagar
por isso?
¿Quánto cuesta
la paz?

Está na volta da
esquina,
esperando-nos

e não queremos vê-la,
e passamos...
e pensamos
em países em guerra,
no que não
nos toca de cerca,
pero puede estar
entre os líderes
que nenhum diálogo
e enfrentados,
dentro das muralhas
que sustenta,
en esa línea imperceptible
que marca la diferencia...
Ai da paz,
tan denostada, la paz,
tan reiterada,
pintándola a mano
em camisetas,
Que a paz esteja convosco.
não se construye
tan sólo con palomas!

Isa Guerra García - Professora, poetisa e escritora.
Doutorado em Filologia Românica pela Universidade de La
Laguna, Tenerife e Licenciado em Psicologia. Publiquei 44
livros de poesia e um de ensaio literário. Pertenceu à IWA
e foi subdelegado nas Canárias da Academia Norteamericana
de Literatura Moderna Internacional, com sede em Nova
Jersey. Poemas seus foram traduzidos para inglês, alemão,
italiano, português russo, rumano, francês e grego.

Isa Guerra e Tomás Morales antes do conflito e da esperança

A poesia de Isa Guerra em *La paz no se construye con palomas* irrumpe con una claridad que disarma cualquier idealización ingenua. Desde o primeiro verso, a poeta mostra o símbolo tradicional da paloma branca, tan repeated, tan cómodo, tan insufficient. O passo — nossas palavras — não é um desenho, nem um gesto simbólico, nem uma visão que branqueia o céu: é uma tarefa árdua, concreta, incômoda. Resolver injustiças, confrontar queixas, lidar com problemas que estão “à vista do problema”. Seu poema avança como uma conversa urgente, ou como um monólogo interior que se desdobra entre perguntas, exclamações e observações dolorosas. La paz, para Isa Guerra, é uma ascensão terrena, cotidiana, política no sentimento mais humano: a água, a luz, a educação, a sanidade, a capacidade de viver sem medo e sem precariedade.

Esta visão direta e crítica apresenta um contraponto revelador na obra de **Tomás Morales**, um dos grandes poetas clássicos das Ilhas Canárias. Morales, a partir do seu modernismo atlântico, construiu uma poesia sobre o mar, onde a navegação e o insularismo se traduzem em metáforas da condição humana. Sua visão do

A paz não é explicitamente social, mas é profundamente semelhante: a paz aparece como um horizonte, como uma marina tranquila que só se move através das tempestades. Em *Las Rosas de Hércules*, a paz é um estado espiritual que se conquista com esforço, uma serenidade que nasce da compreensão do mundo e da sua violência, sem negá-la.

A diferença entre ambos os poetas é óbvia, mas também reside no seu diálogo. Isa Guerra escreve a partir do momento presente, da rua, do fato de subir, da direção que não dialoga, do muro que separa. É concreta, urgente, sensível. Morales, por sua vez, elevou o mirada hacia a plano mais simbólico: la paz como um mar em paz, como um destino que se vê através da luta interior e exterior. El no enumera injusticias; elas se transformaram em imagens de petróleo, vieram e mudaram. Ela se refugiou em metáforas; las quebradas para mostrar a crueza do real.

E, sem exceção, coincide também num ponto essencial: a paz não é adornada. Não é um conceito vago nem um slogan repetido. Morales lo sugiere a través da solenidade de suas imagens marinas, donde la calma solo tiene sentido si se reconoce la tormenta. Isa Guerra afirma sin rodeos: la paz não se constrói pintándola em camisetas nem repitiendo número como um mantra. A paz exige responsabilidade, diálogo, justiça, consciência. Obrigatório

mirar o que “não nos toca de cerca” e reconhecer que, na realidade, si nos toca.

Em Isa Guerra, a paz é um ato de lucidez. Em Tomás Morales, é um ato de transcendência. No entanto, a paz é um trabalho. Uma construção. Uma falha humana que não é delegada nem simplificada. O poeta contemporâneo e o canário modernista, em suas linguagens distintas, coincidem ao registrar que a palavra não é um símbolo, mas uma prática. Não é uma visão branca, senão uma decisão. Não é um sonho, senão um compromisso.

Assim, *La paz is not built with palomas* pode ser vista como uma atualização terrestre do impulso ético que Morales intuía em sua poesia oceânica: a necessidade de superar o conflito para alcançar a serenidade. La paz, em ambos, é um horizonte que se conquista com os olhos abertos.

G. Campisi

A PAZ

Azucena do Angeles Farías Hernández

É preciso aproveitar o restante das horas
cinzentas.

Quer você o veja no quarto ou
o toque na porta, você pode acessá-lo
facilmente e apreciá-lo como se fosse comida.

-Ruínas debaixo de cidades la
simiente convertidas em nada al
declinar la vida-

Vamos alcançar a paz.

-A dor nunca deixou
de ser arrodillado
implora piedade-
E a pobreza inunda
onde havia cosecha, el trigo
perece entre grietas.

Marchamos para a paz
primeiro na alma.
Temos tempo...

Azucena de Los Angeles Farías Hernández. Abogada, poeta e escritora mexicana. Co-delegado para o México da The Cove/Rincón International, organização cultural que está conosco em Miami, Flórida (EUA). Participou de recitais famosos no México e no exterior. Vencedor de prêmios internacionais em poesia, narração e achados clássicos. Aparece em antologias de vários países. Fez parte do Jurado da Organização Mundial de Trovadores. (OMT)

Azucena do Angeles Farías Hernández em diálogo com Amado Nervo

O poema de Azucena de los Ángeles Farías Hernández em *La paz* se abre com um chamado urgente: “Es necesario salvar al mundo / lejos de las horas grises”. A partir desse primeiro gesto, o poeta fica ali não como um conceito abstrato, mas como uma incapacidade de sobreviver, como se fosse uma salvação. Você se move entre a compaixão e a denúncia, entre a escuridão e a escuridão e a visão devastada de cidades em ruínas. A paz, para ela, é um horizonte ético que só pode ser alcançado se for atendido ao sofrimento concreto: o quarto, a pobreza, a vida que declina entre as dores. E ainda assim, no meio desta paisagem, o poeta introduz um raio de esperança: “Marchemos hacia la paz / primero en el alma”. La paz começa dentro, mas não termina tudo; É um movimento interior que deve irradiar o mundo.

Essa sensibilidade tem um profundo impacto na obra de **Amado Nervo**, um dos grandes clássicos da literatura mexicana. Nervo, a partir de sua espiritualidade modernista, concebia a paz como um estado de alma, uma serenidade conquistada pela compaixão, pela renúncia ao egoísmo e pela abertura ao transcendente. Em poemas como *Serenidade* ou *A amada móvil*, a paz aparece como

Um refúgio interior, uma luz que se acende em meio à dor.
Para Nervo, a paz não é sinal de conflito, mas sim da presença de uma profunda harmonia que permite enxergar o mundo com compaixão.

A pureza entre ambos os poetas é evidente: eles ouvem a paz como um processo espiritual que tem consequências na vida concreta. Mas Nervo se move para um plano mais metafísico, Azucena Farías desce à terra do cotidiano, do social, daquele que é o que é e o que é. Ela tinha o quarto que tocava a porta, o trio que perece, a pobreza que ali inundava, que antes era cosecha. Essa visão é terrena, direta e documental. Nervo, por sua vez, transformou a dor em símbolo, em meditação, em um caminho para a transcendência.

E, no entanto, existe uma convicção profunda: a paz não pode ser imposta às pessoas, se não for cultivada dentro delas. Quando Azucena escreve “primeiro na mãe”, parece dialogar com a serenidade nervosa, com a certeza de que a transformação do mundo começa pela transformação interior.

Mas o poeta contemporâneo tem um momento decisivo: a paz interior não importa se não se traduzir em justiça, em alimento, em dignidade. A espiritualidade, portanto, deve ser corporificada em ações concretas.

A diferença mais notável entre ambos reside em
A moda representa a quantidade suficiente. Nervo se envolver
em uma aura de sinal luminoso, como se a dor fosse parte do
caminho para uma compreensão mais alta. Azucena, em
mudança, ele mostra sem velos: alguém arrodillado implora
piedade, a vida declinou, o simiente se converte em nada. A
sua poesia já não é consoladora, mas desesperada.

Não finja suavizar a hereditariedade, se não sinalizar que não
sabemos.

E sem embargo, em ambos, tarde a mesma esperança: a
possibilidade de um renascimento. Nervo imaginou como uma
iluminação interior; É uma boa ideia ter um mercado coletivo
que tenha um futuro mais preciso. A habilidade da contemplação;
ela está fora da emergência. Mas por trás de nós, de nossos
tempos e sensibilidades distintas, coincide que o mundo é uma
falha humana, uma construção que requer discernimento,
compaixão e vontade.

Assim, *La paz* de Azucena de los Ángeles Farías Hernández
pode ser lida como uma atualização terrestre do impulso
espiritual que Amado Nervo incorporou em sua poesia. Ambos
poetas, cada um a sua maneira, nos lembramos que a paz não
é um destino, sino um caminho. Um caminho que invade a
alma, mas que deve continuar no mundo. Um percurso que
tem de ser repetido.

G. Campisi

JAZZ CUARTET “Canto à Liberdade”

Luís Ángel Marín Ibáñez



A noite feita de pianista, e um
desafio de metais entre
Charlie Parker e Louis Armstrong, com Ella
Fitzgerald de Honduras deu rigor ao canto
espiritual.

Grays and blacks, blacks and greys
las note salían del outro lado da terra, cual
trémulo sortelegio incapaz
de rechazar o mapa del Olvido.

As plantas de algodão floresceram com
seus adivinatorios baseados em um
trimestre de sua própria origem.

E tudo estava perto e perto da vez, era
como se fosse um continente

Para fazer um rebato, quero proclamar o
sufrágio ancestral do homem.
Neste titânio cierzto rugía el
pregón de la Libertad incinerado,

el desahucio de las argollas,
e os signos chados pelo sol.
La noche hacía de pianista
com a clareza de que todo lo toca,
O jazz brilha mais do que nossos mesmos,
mais do que Ella, mais do que Charlie, mais do que Louis
Algo assim, como um branco sobre preto...
um homem negro sóbrio
...queriendo poner fin a los cores.

Luís Ángel Marín Ibáñez, natural de Saragoça, com residência em La Palma há 35 anos, Licenciado em Filosofia e Letras. Poeta muy original, para encontrar a razão, o delírio e a surpresa no poema, haciendo del instante e a imagem do epicentro do poema, num sonar e sem sonar à vez... numa luta entre o Ser e o Não Ser. São 13 poemas publicados. Entre outros prêmios foram conquistados o Prêmio "Platero" da Organização de Sindicatos Nacionais, Prêmio Instituto Cultural Latinoamericano de Argentina, Prêmio La Porte des Poètes de Paris, Prêmio Centro de Escritores Nacionales de Argentina, Lating Heritage Foundation de EE.UU., Certamen de poesía en castellano Tamariu, Premio Certamen Internacional de Poesia Lincoln-Marti de Miami, (Estados Unidos), finalista no Premio de la ciudad de Segovia e Villa de Madrid... etc.

Acadêmico da Academia Norteamericana de Literatura Moderna. Você também pode traduzir inglês, francês, italiano, romano, português, alemão, japonês e chinês.
Integrado a mais de 20 antologias poéticas da língua espanhola.

Luís Ángel Marín Ibáñez e Gustavo Adolfo Ouça música, noite e liberdade.

A poesia de Luís Ángel Marín Ibáñez em *Jazz Cuartet "Canto a la Libertad"* se desdobra como uma cena noturna em que a música não é apenas som, mas história, ferida e reivindicação. A noite "faz de pianista", e este é o gesto inicial onde o poema se situa em um território simbólico: a escuridão como instrumento, como cenário de onde emergem as vozes que vêm "do outro lado do palco". Marín Ibáñez evoca Charlie Parker, Louis Armstrong e Ella Fitzgerald não como figuras do espetáculo, mas como arautos de uma memória coletiva marcada pela escravidão, resistência e criação cultural afro-americana. O jazz, em seu poema, é uma conspiração que precisa florescer com novas plantas de algodão, mas não como espaço de pressão, e sim como território de um renascimento sonoro que exige liberdade.

Essa visão, na qual a música se converte em uma ponte entre o presente e um passado doloroso, encontra uma ecologia inesperada na obra de **Gustavo Adolfo Bécquer**, o grande clássico nascido em Sevilha, mas profundamente vinculado a Saragoça, onde passou sua infância e formou sua sensibilidade. Embora Bécquer não escreva sobre jazz nem sobre história afro-americana, ele compartilha com Marín Ibáñez uma percepção essencial: a música é uma linguagem que revela onde as palavras e os versos falam. Além disso, *Rimas*, a música

Aparece como um tremor da alma, como um mistério que respira a noite, como uma vibração que conecta o ser humano ao invisível. Para Bécquer, a música é memória emocional; para Marín Ibáñez, é memória histórica. Mas, em outros casos, a música é uma fonte sombria de profundidade.

A diferença entre ambos os poetas está na forma como são construídos. Bécquer transforma-se num disco intimista e espectral: a música é um susurro, uma presença que se revela mais do que toca. A nossa noite é um espaço de revelação interior, onde a alma é reconhecida na sua mesma. Marín Ibáñez, em mudança, descreve desde uma noite carregada de história, onde os metais desafiam, onde as vozes rugem, onde o jazz “brillaba mais que ellos mismos”.

Não importa o que aconteça, sem introspectividade, sem colectiva; não é silêncio, sino vibrante; não é melancólica, sino insurgente.

E, no entanto, temos um gesto fundamental: a música é tão poderosa que transcende os seus limites. Porque a expressão em sua célebre ideia é que a poesia é aquela queda, queda, queda, se desliga a voz do poeta; Marín Ibáñez sugeriu que o jazz brilhou “mais que Ella, mais que Charlie, mais que Louis”. Em ambos, a música supera o indivíduo e se converte em símbolo. Para Bécquer, é o símbolo do mistério da alma; de Marín Ibáñez, símbolo de liberdade incinerada que deve renascer.

Existe também um ponto de contato onde alguns dos seus poetas utilizam a imagem da “cor”. Becquer, além dos olhos e das armações, brinca com a luz e o

escuro como as metáforas do sentimento. Marín Ibáñez, por sua vez, introduz o contraste racial —“un blanco sobre negro... un negro sobre blanco”— para sinalizar o desejo de poner fin a las divisões que marcaram a história. Donde Bécquer é um contraste emocional, Marín Ibáñez é um contraste social. Também utilizamos a imagem para mostrar uma reconciliação: em Bécquer, a reconciliação da alma consigo mesma; Em Marín Ibáñez, a reconciliação da humanidade com a sua própria história.

Assim, o *Jazz Cuartet “Canto a la Libertad”* pode ser aprendido como uma expansão contemporânea do impulso becqueriano: a música como revelação, a noite como cena simbólica, a linguagem poética como pode ser dita de outras maneiras. Mas Marín Ibáñez acrescenta um elemento decisivo: a música não revela sozinha, se nada mais; não ilumina sozinha, mas sim reivindica. Seu jazz não é um sussurro, mas sim um pregão. Ninguém é um refúgio, senão um cenário de luta. Há um ponto de convergência entre memória, música e liberdade, seu poema dialoga com Bécquer à distância, mas também com um objetivo profundo: a convicção de que a poesia, como a música, é capaz de tocar o que a história pretende esquecer.

G. Campisi

Eu me declaro culpado.

UM ATO DE PALAVRAS E CICATRIZES

Ernesto Kahan

Declaro-me culpado por
ter transbordado de minha herança
sobre a vasta lama do mundo, e por
ter semmbrado meu sangue na terra
ya calcinada que arrastra
siglos de puñaladas e onde o ódio se amassa
com a arcilla e o número de Deus é
filo e febre.

Perdão —

não deva olhar meu hiel fora do meu pecho, não
deva manchar com minha febre a
febre ancestral, nem
desnudar meu duelo
sobre os cadáveres que todavia gritava
em línguas de ceniza.

Pero me dolió the coming
that trae with the voices of my dead, me dolió the
darkness that suffer in exile as a perro sin patria,
me dolió the history buried
and the history that has not even
been born with the misma hemorragia.

Declare-me culpado por
não ter contido a sujeira na cavidade do meu olho.

Já sabemos que a minha chuva vai
atingir o rio e inundar as mangas.

Perdón —

Você também é escombro de Babel, também
carga a culpa daqueles que
choram com o jarro apertada, daqueles que
se transformaram nas margens porque
nasceram com a estrela de Davi bordada na pele.

Declare-me culpado de
viver dicho lo que arde, de ter
amado o que o mundo condenou às
lhamas.

Culpado por registrar, por
não ter já arcado com o custo da herança.

Me sinto
culpada — porque, no
fundo do meu coração, escrevo a
história que entedia as outras pessoas.

Não há perdas, não há
silêncio, não há razão para evitar
derramar sangue.

A Professora Emérita Dra. **Ernesto Kahan**, da Universidade de Tel Aviv, é uma figura de destaque na medicina, literatura e cultura da paz. Ocupou cargos internacionais na AICTEH, na Academia Mundial de Arte e Cultura e na AIELC. Foi presidente da IPPNW-Israel e delegada à cerimônia do Prêmio Nobel da Paz em 1985. Também ocupou cargos de liderança na IFLAC, UHE, GHA e no Círculo Universal de Embaixadores da Paz.

Ernesto Kahan e Juan Gelman: dos voces que escriben desde la herida que neja de sangrar

A poesia de Ernesto Kahan em *Declarando-me Culpado* Nascimento de um território onde memória, identidade e dor coletiva se entrelaçam com volvers inseparáveis.

O poema avança como uma confissão descartada: o lírico se declarou culpado não por um ato cometido, mas por não ter tido a chance de conter a verdade que sofreu e que, ao desmoronar, deu início à mensagem do mundo. Kahan escreve sobre uma dor ancestral — perseguição, exílio, a marca da estrela de Davi — que foi reativada na injustiça contemporânea. É você quem carrega uma história que outros arquivos consideram tediosa, e que alguém insiste em escrever dentro do item. A culpa, em seu poema, é moral: é histórica, identitária, inevitável.

Assim se assume a herança como um destino compartilhado com uma ecologia profunda em **Juan Gelman**, um dos grandes poetas clássicos da Argentina.

Gelman também escreve sobre a cicatriz dolorosa, sobre a memória que arde, sobre a impossibilidade de reparar o preço. Além de seus poemas, a dor pessoal — o desaparecimento de sua esposa e de sua alma, o exílio, a perda — se converte em uma dor coletiva, em uma voz que fala por aqueles que não podem falar. Assim como Kahan, Gelman declarou-se culpado de gravar, de não roubar, de seguir sangrando quando o mundo exige silêncio.

Há entre ambos os poetas um objetivo essencial na maneira de conceber a palavra como um ato de resistência.

Kahan escreve: "Declarem-me culpado / de ter algo a ver com a minha paixão". Gelman, em muitos de seus textos, também parte do pressuposto de que a poesia é um fogo que não pode ser apagado.

a deber hacia los muertos, um gesto de lealdade hacia la verdad.
Suas costas ouvirão que você está chamando a memória serial.

A diferença entre elas reside no tom. Kahan escreve com uma voz que oscila entre a confissão e o apelo, entre a perda e a impossibilidade de alcançar. Este poema é um ato de consciência, embora seja uma alegria interior. Gelman, por sua vez, escreve a partir de uma linguagem intimidada, mais quebrada, mais fragmentada, da qual a língua mesma se vuelve herida: inventa palavras, mezcla registros, break la syntax para decir lo indecible. Donde Kahan declarou, Gelman sussurrou. Donde Kahan perdeu rapidamente, Gelman exige justiça.

E sem embargo, ambos convergem num ponto decisivo: a herida não é solo pessoal, sino histórica. Kahan carrega a memória da justiça, da perseguição e do exílio. Gelman carregou a memória argentina, os perdidos, a violência estatal. Os dois são escritos desde uma dor que não é necessária apenas para o indivíduo, sino a pueblo entero.

Há também uma verdade na maneira de ouvir a culpa. Segundo Kahan, a culpa não contém a memória, a culpa, a memória. Para Gelman, a culpa é sobreviver, viver enquanto não for punida.

Ambos os poetas convertem essa culpa em palavra, em testemunho, em ato de amor para aqueles que você não está.

Assim, alguns outros, Ernesto Kahan e Juan Gelman, falam de áreas geográficas diferentes — Israel e Argentina — mas com a mesma sensibilidade: a certeza de que a poesia nasce da ferida, que o registro é uma dívida e que seguir sangrando é, às vezes, a forma única de honrá-la vida.

G. Campisi

EN LA NUEVA TIERRA LA PAZ

María Consuelo Pons Lafuente

Existe um país
que está perdido em mãos antigas,
subastado pela ambição,
despojado pouco a pouco
hasta temer que um dia a
mudança hasta el number.

A aldeia calla,
adornada por moedas que
caen como um falso balsamo, opio que
adormece e vuelve
dócil la esperanza.

Hay tierras en guerra
onde se morre por defender o que
durante séculos foi
cuidado para dar vida.
Agora que estou destruído,
presa do desejo de outros
que buscam triunfar com sua ruína.

Eles precisam devorar os fracos, e por
isso não se
encontram morada na terra.

Nacen odios antiguos,
y no importa matar,
ni arrebatar lo ajeno;
de um mod ou outro
la tierra será herida.

Mas um dia acabará com o dilúvio,
e depois a tormenta
una paloma ascenderá,
ÿ en la nueva tierra
el renacer de la paz.

María Consuelo Pons Lafuente - Nasceu em um pequeno vilarejo da província de Soria, Vale de Valdenebro, Espanha. Nossos mais recentes livros de poesia multilíngue publicados pelo Universum: "En el silencio de la noche" español, italiano, ruso; "Haikus" espanhol, italiano; "El mar se rebelle" espanhol, italiano, griego; "A vida é diferente quando há amor" español, italiano; "Perlas de poesia" espanhol, italiano, inglês; "Petalas de margarita" espanhol, italiano, inglês; "Porque el Señor lleva me a esos desiertos" español, italiano, griego; "Um sonho, uma fantasia" espanhol, italiano, russo.

María Consuelo Pons Lafuente em diálogo com Joaquín Dicenta

A poesia de María Consuelo Pons Lafuente em *En la nueva tierra la paz* subiu como um lamento e, al mismo tiempo, como una advertencia. Desde o primeiro verso, o poeta dibuja um país que desmorona em mãos ajenas, subastado pela ambição, reduzido até temer que um dia perdido inclusive seu número. Essa imagem inicial — um território vendido pieza a pieza — instalou o poema num registro de denuncia grave, onde a terra é um estado perdido, quando não uma propriedade arrebatada. O pueblo, adornado por monedas que caen como um falso bálsamo, parece ter sido pego em uma pasividad induzida, ritual casi. O poeta observou, sinalizou, despierta.

Essa visão crítica e compassiva encontrou uma ecologia profunda na obra de **Joaquín Dicenta**, o escritor clássico nascido em Calatayud, mas que foi vindicado por Móstoles por sua recepção e influência na tradição social espanhola. Dicenta, dramaturgo y poeta de fuerte consciousness obrera, convirtió la injusticia en materia literaria. Tal como *Juan José*, a denuncia social é vista como carne, conflict, herida abierta. A sua escrita, tal como a de Pons Lafuente, não se limitava à descrição: interpela, incomoda, exige uma responsabilidade moral.

Os nossos autores partilham uma convicção essencial: a paz não pode existir onde reina. Pons Lafuente ele expressa através de imagens devastadoras —terras de guerra, coisas destruídas, trigo que perece entre cinzas— que mostra como a violência não é apenas um ato

Belico, senão um processo de erosão lenta que afeta a terra, a memória, a vida comum. Dicenta, desde seu teatro social, ele teria reconhecido nessas imagens a mesma estrutura de opressão que ele denunciava: os fortes devorando os idiotas, a dignidade humana reduzida à mercantilidade, a injustiça como sistema.

No entanto, a diferença entre eles se revela. Dicenta escreve sobre o conflito humano imediato, sobre a tensão dramática entre personagens que personificam os conflitos sociais que vivenciam.

Sua denúncia é direta, frontal, em todo caso física. Pons Lafuente, por sua vez, introduz um tom mais visionário, de fato profissional. Seu poema transita entre a história e o relato: o país subterrâneo, a terra ancestral, a diluição que chega, a palmeira que se ergue.

Tudo isso demonstra a luta livre, demonstra o ciclo: destruição, purificação, renascimento.

E sem embargo, ambas coincidem num ponto decisivo: a esperança não é engenhosidade, se não houver resistência. Em Dicenta, a esperança manifestou-se em rebeldia, numa dignidade que se recusava a desaparecer. Em Pons Lafuente, aparece como uma...

Promesa simbólica: tras la tormenta, una paloma anuncia el renacer de la paz. Esta imagem final, que se reflete no meio da diluição e da renovação do mundo, não sustenta a duração do poema; ilumina-o.

A paz não é um presente, mas sim uma reconstrução. Não é um estado, caso contrário, um processo.

Assim, *no novo patamar*, a paz pode sofrer como uma extensão contemporânea do impulso ético que Dicenta incorporou em sua obra: a necessidade de enxergar a injustiça sem destruir a paisagem, de enumerar a violência estrutural, de registrar que a paz individual pode nascer onde a dignidade humana é respeitada.

Pons Lafuente, desde o seu tom mais simbólico e meditativo, reconheceu esta herencia e transformou-a numa visão poética da qual a camada herida aún pode renacer.

Ambos os autores, cada um desde o sino tempo e sua linguagem, nos exigem que a paz não seja um sonho, sino uma tarefa. Um defeito que ocorreu para reconceber a herida e acabar imaginando um novo mundo.

G. Campisi

LA PAZ¹

Giuseppe Malerba

Você não pode comparar ou inventar isso.
sem arrancar a cidade do ódio,
bronzeados profundamente arraigados em seu ânimo.
Não existem transações ou métodos exclusivos.
intrincados e caros, provocados
por suas discórdias internas, mas é possível.
La paz, se você não está animado por interesse comunitário
e os princípios de amplificação da visão não podem ser sustentados.
O equilíbrio mundial muda rapidamente.

Giuseppe Malerba, nascido em Terlizzi (Bari), vive em Sant'Ilario d'Enza (Reggio Emilia). Ha publicada diversas obras poéticas, favoravelmente reseñadas em revistas especializadas. Vencedor dos primeiros números, é membro de diversas academias. Ha recibido primeiro à trayectoria: "Historium" (Vasto), "Giosuè Carducci" (Roma) e "Ciudad de Pomigliano d'Arco" (Nápoles).

¹ Tomado do livro de poemas *Sinfonías... em voz baixa*.

Giuseppe Malerba e Antonio Machado: caminhos alternativos para alcançar a paz de espírito

Ao ler *La paz* em sua versão em espanhol, a voz de Giuseppe Malerba surge como a de um poeta que observou o mundo com lucidez moral. Meu poema não idealiza a paz nem o presente como um estado idílico: a concepção como uma tarefa árdua, que exige arrancar de raíz el odio, enfrentar las discordias internas y mantener principios amplios que permitan mantener el equilibrio del mundo. É uma visão simples e direta, sem adornos, que convida o leitor a ver o que tem antes de ver o que tem.

Essa atividade foi profundamente explorada por **Antonio Machado**, um dos grandes poetas espanhóis do século XX. Machado, além das reflexões sobre convivência, justiça e responsabilidade individual, compara com Malerba uma convicção essencial: a paz não é um luxo nem algo abstrato, mas sim uma construção ética que toca o coração humano. Nesse caso, a transformação social envolve apenas transformação interior.

Malerba expressa a verdade quando afirma que a paz não pode existir, mas persiste nas raízes do ódio dentro de cada indivíduo.

Alguns poetas também coincidem em sua desconfiança em relação a soluções fáceis. Em *La Paz*, Malerba reconhece que isso é o ideal, sem excluir dificuldades, tensões ou métodos dispendiosos. Machado, por sua experiência histórica, sabe que a harmonia não existe sem erro, sem diálogo, sem uma profunda revisão dos preconceitos próprios.

Que a paz é um equilíbrio frágil que exige vigilância e maturidade.

Há também um ponto de investigação particularmente significativo: a ideia de que a paz individual pode ser sustentada se estiver baseada em princípios amplos, comparativos e universais. Digamos isso com clareza para sinalizar que o mundo exige interesses comuns e uma visão ampliada para manter o equilíbrio. Machado, em seu pensamento mais filosófico, insiste que a convivência humana só pode florescer se superar os egoísmos particulares e adotar uma perspectiva mais generosa, mais aberta, mais humana.

Porém, o mais notável é o tom. Malerba descreve com uma sobriedade quase meditativa, como quem aprendeu que a paz é um trabalho silencioso.

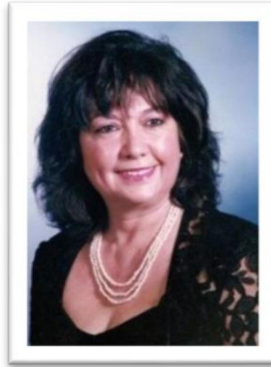
Machado, com seu estilo sereno e reflexivo, também evita a grandiloquência: prefere a palavra falada, a imagem clara, a verdade íntima. Ambos os poetas compartilham uma estética de clareza moral.

Então, pode-se falar de uma forma ou de outra, Malerba e Machado podem falar de épocas diferentes, mas com um pouco de sensibilidade. A primeira história vem de uma consciência contemporânea, marcada pelas rápidas mudanças do mundo. A segunda parte de uma Espanha que buscou o sentido no meio de suas próprias fraturas. Contudo, isto coincide com o essencial: **o caminho não é um estado, senão um camino; não eseo, sino una responsabilidade; não é um sonho, mas uma forma de lucidez.**

G. Campisi

PAZ

Soledad Martínez



Paz, bênçãos e paz!
O mundo cuida dela, os
homens não conhecem, e em
toda a terra impera incrível e
localmente: vinganças,
invejas e penas.

Tu, que deste alas às aves e aos
homens a tua semejanza, dai a paz e o sol a
todo o mundo e déjanos senti tuas
maravillas, mas danos, danos a todos
e alegria a todos os dias, senhor, os dias.

Então, possivelmente, com
nossa paz nas mãos podemos
vencer, dominar as guerras, o
ar, o mar, a aura de cada
homem, miedos, luchas,
libertad, sintiéndonos como
irmãos de toda a humanidade.

Oh! Paz, la del almendro en flor.
Oh! La dulce paz sosegada que
cada dia te apresenta como o
chão cada manhã.

Desesperado, sensação divina, à
luz, à paz, à verdade, a esse Deus
que ados nous espera onde ne hay pain
ni soledad.

Soledad Martínez - Poeta, atriz, monólogos, recitais de poesia. Editorial trabalhista: "Me habló la inspire" Colección Biznaga. 1999. "Homenajes" Coleção Gibralfaro. 2001. "A voz da minha poesia". Coleção BIB-RAMBLA. 2010. "POESÍA "Fuego sagrado" 2022. Trabalho poético em 9 Antologias. Audiolivro de "Las ciudades invisíveis" 2022.

Soledad Martínez em diálogo com Frei Luís de Leão

A poesia de Soledad Martínez em *Paz* abre-se com uma invocação direta, quase litúrgica: “Paz, ¡bendita y ansiada paz!”. Antes de tudo, a autora situa seu poema num território onde o país se encontra isolado num estado social, sem uma presença sagrada, uma razão que o mundo perdeu e que os homens não conseguem reconhecer. Você se levantou como um apelo, consciente de que a humanidade vive em vinganças, desejos e castigos, e que somente uma intervenção divina pode restaurar a harmonia perdida. La paz, no seu poema, é um presente que se sente com humildade, mas também com urgência: “danos la paz y la alegría / todos los días, Señor, todos los días”.

Esta dimensão espiritual, que une o mundo como uma ponte entre o humano e o divino, encontra uma profunda ecologia na obra de **Frei Luís de León**, um dos grandes clássicos do Renascimento espanhol. Em poemas como *Vida aposentada* ou *Noite serena*, Frei Luís concebe a paz como um estado interior que, sozinho, penetra no coração de Deus, na alegria do ruído do mundo, de suas paixões e de seus conflitos. Para ele, a paz é clareza, consolo, verdade; uma luz que desce à alma e à ordem. Soledad Martínez compara essa visão: a paz é, sem dúvida, um ideal moral, senão uma experiência espiritual que ilumina a vida cotidiana.

No entanto, a diferença entre ambos os poetas é revelada. Fray Luis busca a paz na aposentadoria, no silêncio, na contemplação. Sua poesia aspirava elevar a alma em meio à turbulência do mundo, hacia una esfera donde reina la Harmony Divina. Soledad Martínez, em troca, ninguém está fora do mundo: a porta da frente.

Reconheçam sua violência, sua desordem, sua dor. Peço-lhes precisamente que façam esta declaração: a humanidade está perdida, e somente a paz — entendida como graça — pode curá-la. Onde Frei Luís encontrou refúgio na serenidade do interior, vive uma paz que transforma a terra, que vem das guerras, meus meodos, luchas, que haga dos homens hermanos.

E sem embargo, ambos coincidem num ponto essencial: a paz é inseparável da luz. Em Frei Luís, a luz divina ordena o cosmos e a alma; em Soledad Martínez, a paz apresentou-se “como o solo da minha vida”, como uma revelação que desperta ao ser humano à verdade e ao amor. A imagem da flor em flor, que ela usava para evocar a paz, pode ter sido escrita pelo próprio Frei Luís: é natural, transfigurada, um símbolo de pureza, de renovação, de harmonia.

Também há uma ordem no tom. Ambos os poetas foram escritos a partir de uma espiritualidade serena, sem estridências, com um ritmo que lembrava a oração. A repetição - “danos, danos la paz”—funciona como um mantra, assim como em Frei Luís a cadência de seus versos busca a calma, a clareza, a música interior. A poesia de Soledad Martínez, como a frágil renascentista, não pretende concordar: pretende ser elevada.

Assim, a *Paz* pode aprender como herança contemporânea da tradição espiritual que Frei Luis de León encarnou no Siglo de Oro. Ambos poetas, de tempos e línguas distintas, nos lembram que a paz não é só um desejo humano, sino uma vocação divina; não é apenas um anel social, mas uma forma de despertar.

Em ambos os casos, a paz é luz, é verde, é renascimento. E, de fato, a poesia se converte em um ato de fé na possibilidade de um mundo mais luminoso.

G. Campisi

PAGAMENTO NA BÓSNIA E HERZEGOVINA

Mas Pavlović

¡Paz para a Bósnia e Herzegovina!
Paz sob o teu céu azul, com
a tua terra, a tua lua e as tuas estrelas!
Paz em seu peito acolhedor!
¡Paz para esta terra sufriente, herida,

empapada de sangue e de ódio!
¡Paz entre seus povos, suas culturas e seus idiomas!
¡Paz para ti, para mim, para eles e
para toda pessoa de boa vontade!
Paz em Deus,
que nos façamos irmãos e irmãs na unidade
da diversidade.

Pero Pavlović nasceu em 1952 em Gradac, perto de Neum, na
Bósnia e Herzegovina. É um acadêmico e escritor croata.
Publicou 36 livros de poesia.

Mas Pavloviy em diálogo com Frei Luís de Leão

A invocação à paz que Pero Pavloviy formulou nasceu de uma abertura. Não é um poema que contempla o mundo desde a distância, sino desde o tremor da terra que conheceu o desgarramento.

Quando o poeta vive no “céu azul” ou no “pôr do sol” da Bósnia e Herzegovina, não descreve uma paisagem: tenta transformar essa paisagem em uma paisagem perdida. A insistente repetição da palavra “paz” funciona como uma conspiração, pois a poesia pode repetir onde a história é escrita. E, sem exceção, em meio a essa crise civil, o poema se concentra em uma dimensão espiritual: a fraternidade humana como dom divino, a diversidade como unidade possível.

Se mudarmos esta mirada para a tradição espanhola, a voz que melhor dialoga com Pavloviy é a de **Fray Luis de León**, ainda que a primeira vista pareçam mundos lejanos. Fray Luis escreve sobre a serenidade buscada, sobre a necessidade de separar o ruído do mundo para reencontrar a harmonia interior. Mas ainda tarde existe um equívoco: que a paz é apenas um estado político, se não uma forma de ser, uma restauração profunda do nosso ser humano.

Em Pavloviy, a paz é um clamor que sobe desde a terra herida; em Fray Luis, desce como uma luz que ordena a alma. Uma mira para o horizonte devastado de um país que precisa se reconciliar consigo mesmo; A outra hacia do interior do indivíduo que precisa ser conciliada com sua propriedade natural. Mas ambos coincidem naquela

Agora é um ato de retorno: retorno à dignidade, à harmonia, à verdade do ser humano.

Até mesmo a naturalidade do papel o deixa para trás. Pavloviÿ evocou o céu, a terra, a lua, as estrelas: elementos que permanecem permanentes mesmo quando os homens se destroem entre eles. Frei Luís, por sua vez, encontrou na cor, na fonte, na escuridão da árvore, um modelo de equilíbrio que o ser humano deveria imitar. Em outros casos, a naturalidade aparece como um espaço onde a paz é possível, um registro do qual a harmonia não desapareceu por completo.

A diferença essencial reside no tom. Pavloviÿ escreve sobre a urgência de um tempo histórico perdido; Frei Luís, sobre a contemplação de uma ordem eterna. Contudo, essa diferença não separa: complementa-se. O primeiro ponto é que a paz é necessária para o que se faz necessário, entre aldeias e línguas concretas; o segundo é que a paz só pode ser sustentada se nascer de um fundamento espiritual mais profundo.

Assim, o diálogo entre ambos os poetas revela uma verdade que atraviesa siglos e geografias: a paz é sempre uma dupla tarefa, exterior e interior, histórica e espiritual. Pavloviÿ a reivindicou para um país; Frei Luís a reivindicou para sua alma. Há uma dupla reivindicação que ilumina uma esperança mesma: que o ser humano, que pesa muito, possa se voltar para o seu homem do outro e do mundo que habita.

G. Campisi

GENERAR A PAZ

Maria del Socorro Maestro Payró

Que a paz vislumbre o mundo com
seu manto de alegria, que
nos campos de batalha se gere
amor profundo, que as bombas
e os mísseis sejam dissipados
no momento em que se
convertem em palavras que
acariciam as almas, o conforto
e a bênção.

Que a voz dos poetas
denuncie a injustiça,
defenda a paz, a liberdade e o
amor, a perda, o
respeito pela vida, a
solidariedade e a compaixão.

**¡Generar la paz é
sua missão!**

María del Socorro Maestro Payró (GEMINIS) nascida em Veracruz,
Ver. e radical na Cidade do México, México.

Escrita e poesia. Vice-presidente para o México da Organização
Mundial de Trovadores (OMT), Miembro de The Cove/Rincón
International. Livros publicados: "Plenitud en Primavera" e "¿Crees
que sí? - Pues NO..."

Este artigo está incluído em antologias nacionais e internacionais.

Maria del Socorro Maestro Payró em diálogo com Netzahualcóyotl

A poesia de María del Socorro Maestro Payró em *Generar la paz es tu misión* surge como um canto luminoso onde la paz no es solo un deseo, sino una responsabilidad humana. Desde o primeiro verso — “Que o mundo veja o mundo / com seu manto alegre” — a autora imagina o mundo como uma força ativa, que, pelo toque, é capaz de cobrir a terra e transformá-la em espaços mais devastados. Sua visão é profundamente performativa: as bombas e os mísseis podem “converter-se em palavras”, e essas palavras, lejos de herir, “acaricien a las almas, / las conforten y bendigan”. A poesia, em sua maravilha, não é um adorno: é um instrumento de transformação moral.

Essa concepção da palavra como criadora encontra uma voz ecologicamente correta na obra de **Netzahualcóyotl**, o grande poeta clássico do México pré-hispânico. Além disso, a linguagem é uma ponte entre o mundo humano e o divino, uma ferramenta capaz de formar uma verdade, de consolar, de elevar. Para Netzahualcóyotl, a poesia é um ato sagrado: “Acaso de veras se vive con raíz en la tierra?” o conflito.

Sin embargo, a diferença entre ambos os poetas se revela. Netzahualcóyotl contemplava a paz de uma perspectiva metafísica: a serenidade nascida da consciência do efímero, da aceitação de que a vida é uma canção curta que deve ser vivida com plenitude e respeito. Su paz es interior, filosófica, ligada a la contemplación del mundo y a la búsqueda de lo divino. Maestro Payró, por sua vez, escrevia sobre uma urgência urgente: a paz deve ser defendida, proclamada, construída. Não precisa entendê-la; hay

do que gerar. Seu poema é um chamado à ação, um mandato que apela diretamente ao leitor: "Generar la paz / es tu mission!".

E, sem exceção, coincide também num ponto essencial: a paz e a tranquilidade da conversa. Em Netzahualcóyotl, a palavra poética é uma forma de ordenar o mundo, de honrar a vida, de reconhecer as vidas. Em Maestro Payró, a palavra é uma arma benigna que substitui a violência, um bálsamo que cura, um gesto que dobra. Ambos poetas creen en la capacidad transformadora del lenguaje: la poesía no describe la paz, la convoca.

Mas há também um propósito na forma como isso se relaciona com a humanidade. Maestro Payró imaginou um mundo onde os poetas denunciam a injustiça e defendem a liberdade, a perda, a solidariedade. Netzahualcóyotl, a partir de sua visão filosófica, também se apegava à fraternidade, à humildade, à consciência de que todos os nossos semelhantes compartilham um destino comum. Em ambos os casos, a paz é inseparável da compaixão.

Assim, *Generar la paz es tu mission* puede leerse como uma heredera contemporânea do impulso espiritual que animava a poesia de Netzahualcóyotl: a convicção de que o verbo é um ato sagrado, capaz de transformar o mundo. Maestro Payró reconhece essa herencia e o projeto hacia el present, convertendo a poesia em um amor ético, em uma responsabilidade compartilhada, em uma missão humana.

Ambos poetas, de tempos e culturas distintas, percebemos que a paz não é um sonho passivo, senão uma criação. Uma criação que se inclui na linguagem e se estende à vida. Uma criação que, como uma canção antiga, ressoa em nós.

G. Campisi

ORÁCULO

Cristina Pizarro Soldi

Teresa contemplou os arbustos da árvore.
descubra o algoritmo de semente oculto
todavía invisível.

Recolha a aveia
daquela tarde taciturna
tema da tempestade retorno de encrespadas
é levado para as profundezas do mar.
encuentra un hipocampo
y
na casa silenciosa
se une a su amado.

Redoblan las jubilant camps.

O visível agora é o eterno.

Cristina Pizarro Soldi -Buenos Aires. República Argentina.
Poeta e ensaísta. Publicou três livros de poesia, seis livros de
teoria literária, artigos de crítica na Alba de América e outras
revistas literárias. Primer Premio de Poesía Gente de Letras,
Buenos Aires, 1996. Diploma de honor del Instituto Literario y
Cultural Hispánico da Califórnia, 2007. Mestrado em Poesia
Internacional, Commissione di Lettura Internazionale com sede
em Trento. 2013. Prêmio “Embajador Rubén Vela” à la Trayectoria
en Poesía, 2014. Pós-graduação em Escrituras e Criatividade, 2020.
[https://
www.youtube.com/channel/UCYSlasBzCL0WeS1BcbI7L8g](https://www.youtube.com/channel/UCYSlasBzCL0WeS1BcbI7L8g)

Cristina Pizarro Soldi em diálogo com Oliverio Gironde

A poesia de Cristina Pizarro Soldi em *Oráculo* desdobra-se como uma visão íntima do mundo — uma árvore, uma árvore, uma muda — abre-se para o simbólico e para o transcendente. Teresa, a figura central, contemplou, reuniu, temeu, se arroja al mar e finalmente foi amada em uma “morada silenciosa”. O poema avança como um pequeno começo: da semente invisível ao encontro amoroso, do temor à revelação, do oculto ao eterno. A imagem final — “O visível agora é o eterno” — funciona como uma história mística, como uma epifania que transforma a experiência em destino.

Essa sensibilidade, onde o mundo real é subitamente visto metafisicamente, encontra um fascinante contraponto na obra de **Oliverio Gironde**, um dos grandes poetas clássicos de Buenos Aires. Embora Gironde saiba associar humor, ruptura e experimentação vanguardista, em livros como *Persuasão dos dias* ou *Na masmedula* surge uma veta profundamente espiritual, onde o coração, o desejo e a percepção se convertem em portas absolutas. Gironde, como Pizarro Soldi, compreende que o visível pode ser visto como uma sombra: de uma imagem mínima — um gesto, um tremor, um deslumbre — pode-se revelar o eterno.

Sin embargo, a diferença entre eles é revelada. Pizarro Soldi escreve a partir de uma imaginação doce e contemplativa: a tonalidade, a semente, o mar, o hipocampo. Seu tom é íntimo, delicado, carregado de ressonâncias musicais. Gironde, por sua vez, irrompe com uma linguagem explosiva e avassaladora, da qual a percepção é

fragmenta e multiplica. Quando Cristina constrói uma jornada interior que culmina em união amorosa, Gironde decide desarmar a experiência para mostrar sua intensidade, sua força, seu potencial vital.

E sem exceção, temos também um núcleo profundo: a convicção de que o amor e a percepção transformam a realidade. No *Oráculo*, Therese traviesa o medo, surge no mar, encontra um ser mítico e vê um seu amado. No Gironde, o amor é um salto, um desborde, uma forma de transcender os limites do yo.

Ambos os poetas conceberam o ponto amoroso como um ato de revelação: não se trata apenas de um vínculo humano, mas também de um acesso a outra dimensão do ser.

Mas há também uma certeza na forma como transforma a imagem do mar. Em Pizarro Soldi, o mar é profundo, maduro, transformado. Em Gironde, o mar surge como um espaço de intensidade sensorial, um território onde a identidade se revela e se reinventa.

Em outros casos, é um símbolo de transição: um caminho que se perdeu.

A jubilosa campana que cantava o poema de Pizarro Soldi podia dialogar com a musicalidade interna do Gironde, com esse ritmo que mais tarde em seus lados incluiu quando apareceu em macacões. O sino anuncia uma revelação; Gironde, de seu estilo único, também busca esse instantaneamente onde a palavra toca o inefável.

Assim, o *oráculo* pode ser lido como uma obra que, a partir da serenidade e da delicadeza, dialoga com a tradição da exploração interior e o caminho para a liberdade absoluta. Cristina Pizarro Soldi e Oliverio Gironde, cada um com sua estética, coincidem em um ponto essencial: a poesia é uma forma de se tornar mais visível, uma forma de converter o mundo em eternidade.

G. Campisi

O SER HUMANO

Chicha Cerecedo Rego

A parte mais completa de SER HUMANO
existem entre EL BIEN e EL MAL,
porque a imensa gravidade em todos
com unas diretrizes

y
liberdade.

Chicha Cerecedo Rego vive e trabalha em A Puebla do Caramiñal, A Coruña, España. Publicações e colaborações: está presente no Diccionario Biográfico Internacional, 1997, IBC, Cambridge, Inglaterra. Colaborador trimestral da revista de ficção, sem ficção, poesia Miscelánea Literaria... na Espanha, desde o inverno de 2015. Está presente nas antologias de poesia do Clarín. Brisas poéticas modernas (obra poética latinoamericana e espanhola, Califórnia, EUA). Exposição poética – Artístico-literário internacional. (Las Edições Paisaje). Celebidades da última década do século XX (Academia Mundial de Literatura Moderna). Publicações na Generalidade da Conselleria de Seguridad Social de Valencia de 1995 a 1999, também na Revista El Ateneo del Nord em 1991 e 1992. Na antologia poética Galicia 1990. Livros: Lazos 2015; Caminhando com os Sentidos 2015; La niña de la aldea 2016, 3ª edição; Despertar no ano crepuscular de 2016; Huellas de tempo 2016; El Océano del Olvido 2017. Todas as Edizioni Cardeñoso, Vigo. Nossos últimos livros de poesia bilíngues publicados pela Edição Universum: "Arena e agua" Italiano, Espanhol, Inglês; "Sueño y realidad" italiano, espanhol, gallego; "Fragmentos para ti" espanhol, gallego; "Ramas al veyezno" italiano, espanhol, francês; "Mirando a la Esperanza del Mundo" em espanhol; "Melodia espiritual" italiano, espanhol.

Chicha Cerecedo Rego e Rosalía de Castro: um diálogo galopante sobre a condição humana

A poesia de Chicha Cerecedo Rego em *El ser humano* Apresentou-se como um reflexo marcante em seus pequenos, mas com a firmeza da qual você tinha sinal verde, sem necessidade de adornos. O poema é breve, com poucos versos, e contém, sem falta, uma ideia que pesa mais do que muitas páginas: a existência humana como um equilíbrio instável entre o bem e o mal.

Chicha no dramatiza, no eleva la voice; simplesmente anotado. E essa sobriedade tem uma Honduras que surpreende. *El ser humano*, dice, vive entre as coisas que gravitam em todos, e o faz com algumas pautas e com liberdade. Esta última palavra —liberdade— abre o poema para um território ético que não se impõe, mas que se oferece.

Essa visão essencial, em alguns casos, é uma ecologia natural em Rosalía de Castro, a grande voz que pode converter a introspecção em um modo de compreensão. Rosalía, por sua sensibilidade às heridae e à luminosa, também compreendeu que seu ser humano é um ser dividido, que em seu interior convivem impulsos contrários, desejos que se enfrentam, sombras que não se dissipam do todo. Nas *novas* e nas *orlas do Sar*, essa tensão aparece uma após a outra: a alegria que se aquieta, a tristeza que ilumina, a esperança que mantém viva. Rosalía não formulou a dualidade moral como Chicha a faz, mas a viveu, respirou, a levou à música.

Hay entra numa certeza de que nenhuma nasce do estilo, se nenhuma da mirada. Chicha observou al ser humano desde la claridad; Rosalía, da emoção. Mas as costas coincidem nessa existência que não é um camino recto, caso contrário

um território onde existem medos que não podemos controlar. Chicha lo dice con la concisión de una sentencia; Rosalía, with the vibration of a feeling that does not encuentra resto. E, no entanto, ainda persiste um equívoco: a certeza de que o nosso ser humano é frágil, contraditório, vulnerável, e que precisamente por sermos compreensivos.

A diferença mais profunda entre elas está na forma como se apresentam. Rosalía escreve a partir do fluxo interior, de uma voz que transita entre dúvidas e tremores. Se você impõe um limite, o outro se expande. No entanto, sempre há alguém que tem tempo e sensibilidade, mas é humano, com um pouco de luz e escuridão que o torna mais distante de sua própria distância.

Puestas uma frente à outra, Chicha Cerecedo Rego e Rosalía de Castro parecem conversar entre as Galícias distintas —uma contemporânea, outra decimonônica— mas com uma mesma intuição: que existir é mover-se entre forças opostas, e que a liberdade, por pequena que mar, é o espaço onde cada um decide quem é. Neste sentido, *os nossos seres humanos* podem aprender como uma extensão moderna da tradição rosalianesca: que somos, que é o nosso movimento, que é a nossa divisão. E a poesia, em ambassa, aparece como o lugar onde se questiona encuentra su forma más verdadera.

G. Campisi

UTOPIA HUMANA

Susana Ribola

À sombra do castelo
da minha filosofia

Uma utopia está preocupada.
O frio do inverno na escuridão

la mata el hambre, el llanto, la sangre.

Quimera de sueño humano

Não há necessidade de deixar isso em confusão.

Quero sentir a canela da vida,
aunque hecha hilachas
entre especulações e realidade.

Utopia, quimera, sonho
todo humano.

Solo dentro pode estar em paz

Susana Ríbolo - Nascida em Hersilia, província de Santa Fé, Argentina, em 20 de abril de 1950, reside em Ceres, cidade da mesma província. Docente a cargo do espaço curricular Lengua e Literatura até o ano de 2009. A partir deste ano, acogida aos benefícios da jubilação, continuou com estudos sobre o idioma. Obteve o título de Técnico Superior na Correção de Textos, egresada do Instituto Superior de Línguas Eduardo Mallea da Cidade Autônoma de Buenos Aires. Realizou cursos, a distância, sóbrios e informados de leitura em Cálamo y Cran, centro de cursos de mestrado e pós-graduação em Madrid, Espanha. Participou do grupo Juglares de Luz y Lorca. Atualmente exerce atividades nos gêneros literatura e teatro. Mantendo relacionamento com amantes da leitura, da escrita e da comunicação online, participando de antologias poéticas regionais e internacionais.

Susana Ribolo e Juan L. Ortiz: das miradas santafesinas para a utopia interior

A poesia de Susana Ribolo em *Utopía humana* nasce num umbral: o “castillo de mi filosofía”, espaço íntimo onde a autora observa como uma utopia — frágil, temblorosa, quase herida — busca cobijo. A imagem é poderosa: a utopia não aparece como um luminoso ideal, mas como uma criatura vulnerável, que é fria, que cheira a quarto, llanto e sangue. Ribolo não está colocado em um pedestal, mas está em um canto obscuro onde luta para sobreviver. E, no entanto, o poeta não a renuncia: quem sente a “tibia da vida”, aunque esté hecha hilachas entre espejismos y realidad. La utopia, dice, es humana; e a paz, se existir, sólo ela pode nascer.

Esta é a maneira de conceber a utopia — não como um horizonte político, mas como um estado interior — encontro um eco profundo na obra de **Juan L. Ortiz**, o grande poeta de Entre Ríos, figura essencial da literatura argentina e uma das vozes mais delicadas e contemplativas do Litoral. Aunque Ortiz nasceu em Santa Fé, sua obra está intimamente ligada à região: sua poesia dialoga com o Paraná, com as aldeias ribereñas, com a sensibilidade do litoraleña que existe em Santa Fé, Entre Ríos e Corrientes em uma mesma respiração poética. É justamente nesta respiração que você encontra o ponto de contato com a Fita.

Ortiz también concebe a utopia como um estado interior, como uma forma de ver o mundo da delicadeza. Além dos poemas, a esperança não é um programa nem uma consigna: é um tremor, uma luz sustentada, como a utopia de Ribolo que é cobija no castelo do filósofo. Ortiz diz que

a beleza é frágil, que a paz é frágil, que todos os seres humanos são frágeis. E sem embargo, insista em contemplá-lo, em sustenê-lo, em dar-lhe um lugar. Ríbolo faz o mesmo: protege sua utopia, mesmo que esteja desgarrado, mesmo que seja apenas um hilo de vida.

Há entre ambos um objetivo no caminho de compreender a vulnerabilidade. Ríbolo escreve: "O dia do frio na escuridão da noite / a cama do quarto, o llanto, o sangue". Ortiz, em muitos de seus poemas, também observou como a beleza era tiembla, como a luz caía, como a esperança se via quase imperceptivelmente. Mas nunca antes renunciávamos a ela. A utopia, para ambos, não é um triunfo: é uma resistência. Uma pequena lhama que se protege com as mãos.

A diferença entre eles reside no tom. Ríbolo escreve a partir de uma interioridade que oscila entre a filosofia e a emoção, entre a lucidez e o desgarro.

Ortiz escreve a partir de uma contemplação muito mística, onde a utopia se confunde com a paisagem, com o rio, com a respiração do mundo. Donde Ríbolo habla de hilachas, Ortiz habla de brumas. Donde ella ve espejismos, él ve reflections. Contudo, temos certeza de que a paz não virá, senão não acontecerá.

Vamos por um caminho, Susana Ribolo e Juan L. Ortiz parece conversar entre as duas sensações distintas —uma mais filosófica, outra mais contemplativa— Mas com uma intuição peculiar: a utopia humana é frágil e, sem dúvida, necessária. Isso não diz respeito às grandes discussões, mas sim ao interior de cada pessoa. E aí, se houver algo a considerar, não venderemos o mundo: venderemos o mundo como ele é.

G. Campisi

PELA PAZ

Maria Rosa Rzepka

A vida recomenda a cada passo, a
cada instante renasce e perfila a busca
incessante, o bem-estar, o asomarse ao
mundo a cada dia.

Quando você anda pelo mundo, pode levar uma
refeição e um prato de comida sem ter
que culpar ou se preocupar com sua carga,
é resábio do ódio que aniquila.

O ódio e a corrupção da mão decidem
o futuro e a ignomínia minetras
trachan los pueblos desangrados muy lento hacia
la morte, sans salida.

Antes do horror, semblamos a poesia, a
paz, o canto, compartilhando tudo.
Aunque se haya instalada a barbárie, a falta
de humanidade, o ódio à vida.

Caso a violência seja uma resposta às nossas
ações, repetiremos o ataque sem demora.

Basta de armas, de pueblos sojuzgados pela
cor, pela razão ou pela mentira.

Flores com cores diferentes

alegran el entorno, digno.

O que importa é a nossa cor, se
oferecermos aroma e beleza, sinfonia.

Ya no más armas, nossa guerra mar
escrito por crianças com porfíia
Para aprender as letras, cultive
construir um novo mundo de rainha
la paz como suprema alegoria
Alzándose as vozes em um coro para
entonar o Himno com alegria.

María Rosa Rzepka Escritora por paixão e coragem.

As obras participantes foram distinguidas em certificados
nacionais e internacionais. Gêneros

discutido: poesia, história, história, novella corta, plastica visual
incluindo fotografia. Seis obras editadas e participação em
diversas antologias.

Morador de Florencio Varela, prov. de Buenos Aires. República
Argentina.

Maria Rosa Rzepka e Alfonsina Storni: voltar vozes porteñas que siembran la paz desde la herida del mundo

A poesia de María Rosa Rzepka em *Por la paz* avança como a long aliento que mezcla denuncia, compasión y hope. Desde o primeiro verso — “A vida reconhece cada passo” — a autora instala um milagre ao qual nos resignamos: incluindo um mundo perdido pelo mundo, corrupção e miséria, a vida insiste em renunciar. Este poema é um percurso pelas feridas do presente: o povo desangrado, os inocentes que caminham sem culpa, a barbárie instalada como uma escuridão aparentemente sem fim. Contudo, diante desse horror, Rzepka propõe um gesto profundamente humano: abraçar a poesia, abraçar o canto, comparar-se a todos. La paz, para ella, no es un concepto abstracto, sino una práctica que se construye con actos, con palabras, con gestures que se oponen à la violence.

Essa sensibilidade — que combina perspicácia crítica com um tom de resistência — encontra um eco natural na obra de **Alfonsina Storni**, uma das grandes vozes clássicas de Buenos Aires. Embora Storni não escreva sobre a história em termos explícitos, sua poesia é afetada pela mesma tensão que corresponde ao poema de Rzepka: a luta entre um mundo hostil e a necessidade de preservar a dignidade humana. Em mensagens de texto como “*um homenzinho, você quer que eu seja branco ou ancestral*”, você denuncia a injustiça, a opressão, a violência simbólica e social que destrói sua vida em comum. Você, como Rzepka, não se limitou a sinalizar a dor: ela se transformou em consciência.

Há entre ambos os poetas uma profunda sabedoria na maneira de olhar para o ser humano. Rzepka observou uns quienes “deambulan pobres por el mundo / buscando paz y un plato de comida”, vítimas de um ódio que não os perdemos. Storni, a partir do seu registro, também se detém nos vulneráveis, nos que carregam pesos que não eligieron, nos que são sofridos pelas estruturas

que superan. Os dois são escritos a partir de uma compaixão ativa, que não se conforma com lamentar, mas que busca despertar.

A diferença entre elas reside em como construir esse milagre. Rzepka escreve desde a amplitud casi coral: su poema abanca pueblos, razas, colors, sistemas enteros. You heard it as a collective scream: "Basta de armas", "redoblemos la apuesta", "alzándose las voces en un coro". A paz, em sua visão, é um movimento social, uma força que deve nascer da união de muitos. Storni, por sua vez, escreve sobre sua intimidação: sua denúncia do coração, da experiência pessoal, da mulher que violou um mundo que ontem. Donde Rzepka summoned to humankind entera, Storni habla desde the soledad of who resists.

E sem embargo, ainda coincide num ponto essencial: a poesia como ato de resistência. Rzepka lo dice sin rodeos: "Ante el horror sembramos la poesía". Storni, embora não a fórmula assim, é prática em ambos os lados: sua poesia é uma forma de rebelião, uma forma de decidir o que o mundo pretende chamar.

Las dos creen en la palabra como herramienta de transformación, como espaço no qual a vida pode ser
Recomendo.

Há também um gesto em que a beleza é uma forma de reconciliação. Rzepka imaginou flores de cores diferentes, dignas e encantadoras, que ofereciam seu aroma sem serem predeterminadas pela cor. Storni, em muitos de nossos poemas, também retorna à natureza como símbolo de liberdade, de pureza, de verdade. Ambas encuentran en la belleza un camino hacia la paz.

Portanto, a paz pode ser vista como uma extensão contemporânea da sensibilidade artística que Alfonsina Storni personificou em seu tempo: a certeza de que a poesia não é um refúgio, mas sim uma arma luminosa; que a paz não se perde, mas se constrói; que a vida, inclusive a ferida, pode ser retomada a cada dia.

G. Campisi

VA, PENSIERO

Kurt F. Svatek

O som da paz, que
muitos de nós criamos, ficou gravado nos ouvidos, foi ouvido
rapidamente antes do
som das sirenes, antes do som dos motores
dos aviões, antes que as bombas viessem!

Existe uma arpa de anjo que
você uma e outra vez para
aqueles que não querem ouvi-lo?
Existem línguas de anjos que têm
a paz tanto tempo até que, um pouco
tarde, sean oídas?

Existem os palomas que
batem em suas alas antes dos parpados cegados até
que todos, inclusive quem não quer, tem que ver a
guerra?
Existe algum aguacero
que também lave os pensamentos?

Existe tudo isso fora do sonho?

Existe algum som constante no ar?

Talvez, mas ainda assim seguro que exista.

y aun así seguro no es.

No entanto: *Vá, pense, sull'ali dorate,*

...Veja, pensei, sobre as doradas.

Kurt F. Svatek – Nascido em Viena em 1949, Kurt F.

Svatek tem sido uma figura destacada do panorama literário austríaco, desempenhando-se como vice-presidente da seção da Baixa Áustria e tesoureiro do PEN-Club da Áustria. Lá, vasto e diverso, encontram-se poemas, aforismos, ensaios, contos, haicais e romances, além de artigos dedicados a questões filosóficas e um livro de caracteres didáticos. Ao longo de sua obra, seus textos se desdobram em inúmeros artigos e você os traduzirá para uma ampla variedade de idiomas, lendo suas vozes para leitores de diferentes continentes. Essa difusão internacional lhe rendeu um número considerável de reconhecimentos e prêmios de diversos países, consolidando-a como uma autora que transcende fronteiras e genes.

Kurt F. Svatek e Antonio Machado: vozes que questionam a paz desde la fragilidad del mundo

Leer *Va, pensou* Kurt F. Svatek, entrou num território onde se apresentava como um som sustentado, quase imperceptível, que eu queria sobreviver no meio do mundo. O poema parte de uma observação dolorosa — a facilidade com

que temos a paz antes das sirenes, dos motores e das bombas - temos uma série de perguntas que funcionam como lamento e, al mismo tiempo, como esperança: ¿existen arpas de angeles?, ¿lenguas que hablen de la paz hasta ser escuchadas?, ¿palomas capaces de obligarnos a ver más allá de la guerra?, ¿un aguacero que lave inclusive los pensamientos? Svatek escreve desde a dúvida, desde o incertidumbre, desde um sonho que não sabe se pode existir fora do sonho. E, sem exceção, no último verso, a cidade verde - *Vá, pense, você será dourado* - tem uma representação luminosa: o pensamento pode voar, embora tenha um desenho tão dourado.

Eis como questionar o país sobre a fragilidade humana através de uma análise da ecologia profunda.

Antonio Machado, um dos grandes clássicos espanhóis que ele criou.

consciência da dor coletiva e da busca de uma esperança que não perdemos. Machado, especialmente em *Campos de Castilla*, também contemplou um mundo arruinado pela violência, pela injustiça e pelo crime moral. Y, como Svatek, responde mais com perguntas do que com certezas. Em poemas como *¿La guerra?*, *A un olmo seco* ou *El mañana efímero*, Machado se pergunta se a regeneração é possível, se você pode brotar a vida em um trunco herido, se a esperança pode sobreviver ao estudo da história. Su voz, comme la de Svatek, não proclamado: duda, observado, interrogado.

Há entre ambos os poetas um objetivo evidente na maneira de situar a paz num plano moral e simbólico. Svatek imaginou arpas, palomas, aguaceros, ángeles: figuras que pretendem desesperar uma humanidade da qual não podemos escapar. Machado, do seu castelo sobriedad, também recorre a símbolos — a árvore, a fonte, a terra, a luz — para refletir a dignidade humana e a necessidade de um interior renovado. Compreendemos que a paz é um decreto político, senão um estado de direito que deve ser aprendido, escutado, se revelado.

A diferença entre eles está no tom. Svatek
Escrevo com uma sensibilidade centro-europeia marcada por uma ironia suave e uma melancolia reflexiva. Este poema é uma série de mensagens que não podem ser respondidas imediatamente, sem aviso prévio.

Machado, em mudança, descreve a partir de uma gravidade ética que vem da paisagem e da história espanhola. Você é mais terreno, mais conectado com a natureza concreta e suficiente dos pueblos, mais comprometido com o crime. Donde Svatek pergunta, Machado advierte. Donde Svatek sueña, Machado exorted.

E, sem embargo, ambos convergem num ponto essencial: a paz é um som frágil que pode se perder entre os ruídos do mundo, mas ainda pode ser renunciado se aprendermos a ouvir. Svatek o sugeriu com sua pergunta final: “O som constante da paz existe?” Machado respondeu com uma de suas palavras mais íntimas: “Se hace camino al andar”. La paz, para ambos, não é um estado: é um caminho, uma aprendizagem, um voo de pensamento.

Assim, podemos ver um antes do outro, Kurt F. Svatek e Antonio Machado parecem conversar de duas geografias distintas —a centro-europeia, outra castelhana — mas com uma mesma sensibilidade: a certeza de que a paz é um ideal que se constrói com escudo, consciência e palavra. E que a poesia, quando se revela perguntar, pode converter-se na primeira forma de responsabilidade.

G. Campisi

EM NOME DA PAZ

Encarna Gómez Valenzuela

Chama-nos à paz para
que a verdade, o amor, a esperança
e a solidariedade brilhem
no mundo.

Convoque-nos à paz e à justiça para que
nossos filhos estejam trabalhando e
seus pais estejam
trabalhando, e nossos
filhos idosos estejam felizes, e nossas
crianças estejam felizes e na escola,
e nossos pais e todo o amor que pudermos compartilhar.

Convoca-nos à paz para
desistirmos da violência, porque não
existem guerras, nem disputas, porque
os seres humanos não sofrem de marginalização,
nem de abusos, nem de desprezo, nem de atropelos.
Erradicar a dor deste planeta.

Convoca-nos à paz e à tolerância.
Ajudamos ao irmão, ao amigo e ao vizinho.
Compartilhamos solidariedade e
compreensão com o imigrante, com o fato de não
termos nada a fazer, apenas nossas mãos, férias, porque carece de todo.

Convocamos a paz e a harmonia para que
o entendimento entre todas as
culturas, entre os grupos étnicos e
entre as aldeias seja uma realidade.

Para melhorar o mundo e não ficar à noite.
nem tristeza nem desolação da pena.

Erradiquemos desta terra a injustiça,
crueldade e discriminação,
o desamor e a ira, a soberbia,
prepotência e medo.

No número de pessoas convocadas para o entendimento
Existe equidade em todos os seres humanos,
Nas aldeias, nos países, há pessoas.
Brindemos nossa ajuda no que for necessário.
Aprendamos a conviver, como seus maridos.

A vida é uma vida comum.
que, às vezes, pesa e sangra
y hunde en el desaliento.
Será mais levadera, mais liviana, mais amável
si alguien nos ayuda, nos sonríe y nos alienta,
Se aprendermos que o chão, cada mañana,
Ela pode brilhar intensamente, assim como a luz brilha intensamente,
no cristal transparente de nossas pupilas.

Encarna Gómez Valenzuela - Nascimento em Pegalajar (Jaén), Espanha.

É professora da EGB e dinamizadora da leitura entre os ex-alunos. É membro ativo de vários grupos literários.

Atraído pela magia da Literatura, recreou histórias de tradição oral, ouvidas na infância. Escrever poesia e narrativa de produção própria — contos, relatos, novelas, artigos periódicos e pesquisas literárias de outros autores lidos. Também se dedica a apresentar e apoiar outros escritores contemporâneos.

Carna Gomez Valenzuela e Antonio Machado: duas vozes jovens que convoca à paz desde la dignidad humana

A poesia de Encarna Gómez Valenzuela no *número da paz* se desdobra como uma invocação litúrgica ampla e generosa. É um canto com um chamado — “Convoquemos a la paz” — que funciona como um latido, como um ritmo que sustenta todo o poema. A autoridade não se limitava a desejar a paz: ela a convocava, a exigia, a reivindicava como um direito fundamental de todos os nossos semelhantes. Há um profundo espírito de solidariedade: trabalho para as crianças, cuidado com os idosos, escola e educação para as crianças. A paz, em sua visão, não é um conceito abstrato: é justiça, é cuidado, é dignidade.

Esta sensibilidade encontrou um eco natural em **Antonio Machado**, o grande poeta nascido em Sevilha, mas profundamente ligado à província de Jaén, onde vivi, ensinei e escrevi alguns de seus versos mais memoráveis.

Em *Campos de Castilla*, Machado também reconhece a paz como um defeito moral que carece de respeito pela humanidade e de denúncia da injustiça. Que milagre na Espanha!

herança pela pobreza, pela desigualdade, pela violência social— ressuena com força no poema de Encarna, que ambién observou um mundo onde “los pueblos desangrados” avançavam lentamente até a morte.

Ambos os poetas comparam uma convicção essencial: a paz não pode ser construída, mas existe margem, desprezo, abuso. Encarnamos os dados com clareza: “Erradicamos a dor deste planeta”. Machado, desde seu tono mais sóbrio, até denuncia la crueldad, la soberbia,

a prepotência que corrompe a vida coletiva. Os dois sentidos que a paz não é apenas ausência de guerra, sino presença de justiça.

A diferença entre eles está na forma como são articulados. Encarna escreve desde uma voz coral, comunitária: convoca aos povos, às culturas, às etnias, aos países. Este poema é uma mensagem coletiva, uma manifestação ética que visa unir-se à humanidade num gesto mesmo de solidariedade. Machado, em mudança, descreve a partir da contemplação da paisagem e da história: sua voz é a de um caminhante que observa, reflete e denuncia. Chamado *Donde Encarna*, Machado meditava. Ela exortou, ela questionou.

E sem embargo, coincide também num ponto decisivo: a necessidade de educar para a paz. Encarna imaginou uma guerra escrita para crianças, uma guerra de letras, de saber, de cultivo interior. Machado, em muitos dos nossos poemas, também na infância um espaço de pureza, de verdade, de possibilidade. A educação, para ambos, é o caminho para um futuro melhor.

Mas também há algo na forma de mostrar a vida cotidiana. Encarna escreve: “La vida é uma luta cotidiana que, a veces, pesa y agobia”. Machado, em versos mais íntimos, também reconhece esse cansancio, esse desaliento que acompanha al ser humano. Então ouvimos um gesto que alivia tem: um som, uma mão cuidada, um raio de chão que ilumina. A esperança, em ambos, é humilde, mas persiste.

Assim, *no número de pessoas* pode-se ver como uma extensão contemporânea do espírito mecânico: a poesia como responsabilidade moral, como defesa do diabo, como luz num mundo ferido. Encarna Gómez Valenzuela reconheceu essa tradição e a transformou num chamado urgente, dirigido a todos, sem exceção. Porque a paz — como a poesia — só existe quando comparada.

G. Campisi

SOLDADO

Patricia Vena

Armado com a
arma,
soldado, e atirou com a arma.
A parte inferior do tanque,
o soldado e
a parte de baixo do trator.
Deixe de destruir e
trate de criar.
Háganlo todos
hágano juntos
vayan para o outro lado
esquerdo da frente
que se la argullen ellos ellos
generales políticos e
governantes.
Vuelvan a casa
abracen a sus mujeres a
sus hijos a
sus padres y
a sus madres.
Bailen y canten
levantam as copas e
brindam pela Paz brindam
pela Vida brindam pelo
Futuro.

Patricia Vena – Poeta, escritora e tradutora. Vive na região de Las Marcas. Publicou diversos livros de poesia e contos, inclusive em edições bilíngues (italiano-espanhol).

Patrícia Vena e Atahualpa Yupanqui: dos voces argentinas que o hablan al soldado da humanidade

Cuando uno le *Soldado*, de Patricia Vena, siente que la poeta directa a una hombre concreto, de carne y hueso, but also has a symbol: the human being caught in a machine that we did not elect. The voice of the poem is not ordered: invite. No acusa: underledge. The soldier left the gun, left the tank, and saw the land, the house, the affections.

É um chamado para recuperar o que a guerra —qualquer que seja a guerra— arrebatou: a humanidade.

Este gesto, ao mesmo tempo direto e argentino, encontrou eco imediato na obra de **Atahualpa Yupanqui**, que ao longo de sua vida escreveu e não pôde deixar de defender a dignidade da comunidade humana, a injustiça e a necessidade de voltar à terra e ao trabalho criador.

Em muitas de suas cartas e poemas, Yupanqui também demonstra o hábito de um homem que é sofrido, ou seja, a alegria de sua casa, que porta uma arma sem contenda. Meu ponto de vista, assim como o de Vena, é profundamente compassivo: ninguém se importa com o indivíduo, apenas com o sistema que envolve violência.

Em *Soldado*, o poeta propõe um gesto simples para a revolução: trocar uma arma por uma ferramenta, um tanque por um trator. Yupanqui, de seu universo crioulo, teria ouvido perfeitamente esses gestos. Portanto, a terra será um lugar de verdade, de trabalho honesto, de identidade. A guerra, na mudança, será para sempre uma imposição sobre você, uma ruptura do

ordem natural da vida.

Há algo mais do que um: **a defesa da vida comum como um espaço sagrado**. Venha convidar o soldado a voltar para sua casa, a deixar sua família, a viver pela vida e pelo futuro. Você também pode ver um e outros em casa, no rancho, no fogón, na família como o núcleo de sentimento.

Ambos os poetas sabem que a paz não é uma ideia abstrata: é um abraço, uma mesa compartilhada, um canto, uma copa elevada.

Contudo, esta comparação não é a mesma que aquela, mas não é a mesma que aquela. Venha escrever com uma luz brilhante, se urgente, como se precisasse salvar alguém antes que demore demais. Yupanqui, com seu pausado e sua sabiduría de homem do campo, também fala desde um lugar de urgência moral, mas faz com a serenidade de quem conhece os ritmos da terra e da vida.

Os dois, cada um desde época e sua sensibilidade, parecem dizer ao soldado —e a todos nós— que a verdadeira valentia não está na guerra, mas sim na capacidade de escolher a vida. Que a paz não é paz, é um ato de coragem. Que o futuro não se constrói com braços, mas com mãos que trabalham e corações que amo.

Assim, alguns instantes depois, Patricia Vena e Atahualpa Yupanqui se revelam como vozes argentinas que, por diversos caminhos, carregam uma verdade incontestável: **a humanidade é mais feroz que a guerra, e a poesia é uma forma de registro**.

G. Campisi

PAZ

Juan Emilio Ríos Vera

Paz, que palavra tão rotunda, tão
certa, que com apenas três letras é como
uma salvação de canhão que

inunda de luz o mundo.

Paz, que palavra tão audaz e
tão ousada, que precisa de mais
letras e sílabas para unir os homens
em torno da convivência,
do intercâmbio e da concórdia.

Paz, que milagro para a humanidade
concentre toda a esperança de
um mundo solidário em um único grupo
de seu som e definitivo, incontestável e
poderoso.

A paz é clara e nítida, clara,
firme e plena.

Nada é tão puro e tão inquebrável.
Portanto, não permitimos que nossas
mãos fiquem cobertas de sangue sobre
sua pele branca, imaculada,
límpida e cristalina.

Preservemos nosso número e
seu significado com o braço exclusivo da
aliança de todos os povos do mundo
unidos na defesa de um ideal
de convivência e respeito.

Todo o mundo cabe na palavra paz, a pesar
do seu aparente espaço reduzido, com suas
culturas diferentes, seus trajes ancestrais, suas
cores tão diversas,

Nossas línguas são diferentes, nossos rituais e crenças.
tan alejados e hasta antagônicos,
mais idiossincrasias que compartilham o mundo
de maneiras autóctones e intransferíveis.

Nadie cai fora, pues en la paz
sem fronteiras de feno, aduanas, muros nem outras
bandera que la branca e impoluta onde
Cabem todas as cores da paleta.
Toda a paz é um espaço aberto
al mestiçagem, al intercambio, a la fusion,
al diálogo, a la algarabía, a la mezcla
de idéias, razões, cosmovisões, idiomas,
trajes, crenças e culturas,
defendido com paixão e entusiasmo,
mas com a arma definitiva da palavra.

Juan Emilio Ríos Vera - Nació en Algeciras (Espanha) em 1966.
Licenciado em Filologia Hispânica. Presidente do Ateneo “José Román”
de Algeciras e da Seção VI do Instituto de Estudos Campogibraltareses.
Presidente da Agrupación Poética “José Luis Cano”. Socio del Ateneo
Republicano “Blasco Ibáñez” de Valencia e da Asociación de Poetas
pro Derechos Humanos. Prémio “Aljabibe” de Poesia em 2012.
Medalha de ouro da União Nacional de Escritores (2014), medalha de
San Isidoro de Sevilha da UNEE (2018), distintivo de ouro da cidade
de Algeciras. Poeta, narrador, articulista e romancista. Presidente
fundador do Ateneo de Manilva.
Presidente da Feira do Livro de Algeciras, dedicada ao Ateneo de
Algeciras em 2019. Presidente do Rotary Club Internacional Estepona-
Sotogrande, que preside desde julho de 2021. A União Hispanomundial
de Poetas e a Medalha de Mérito Literário da Comunidade Literária de
Leitores “Pájaros del alma”. Entre suas obras destacam-se: *Engendros
de la ira* (poesia), *La ultima columna antes del precipicio* (artigos
periódicos), *El caserón de la malmuerta*

(relatos), *La mujer esqueleto* (leyenda ilustrada). Ha publicado seu
primeiro romance: *Abdul, o moro asturiano* junto com Ahmed Ksiri, y tras
O retorno da golondrina, você trabalha em uma terceira que será titular
Todas as cores do céu.

Juan Emilio Ríos Vera e José María Pemán: dos gaditanos que elevam a palavra “paz” até converter em um ideal universal

A poesia de Juan Emilio Ríos Vera em *Paz* se constrói como um tema luminoso, uma celebração da linguagem que existia antes de qualquer conceito abstrato. Desde o primeiro verso — “Paz, qué palabra tan rotunda” — o poeta transforma o termo em um objeto verdadeiramente sagrado, um conjunto de sentimentos capazes de conter em três letras toda a esperança da humanidade. Seu poema avança como uma meditação criativa: a paz é ousada, ousada, definitiva; é um milagre que concentra em um único grupo de vocês a possibilidade de um mundo de solidariedade. Ríos Vera não descreve a paz: ela invocou, protegeu, defendeu seu marido.

E, sobretudo, concebo-a como um espaço onde todas as culturas, todas as raças, todas as línguas, um território sem fronteiras onde a diversidade não divide, apenas enriquece.

Essa maneira de elevar a palavra exige convertê-la em um símbolo absoluto, com uma profunda compreensão de **José María Pemán**, um dos autores clássicos mais representativos de Cádiz. Pemán, sobretudo em nossos poemas mais líricos e em nossos textos de tom humanista, também concebe esses valores — a harmonia, a harmonia, a beleza —

como sermos capazes de nos unirmos aos nossos semelhantes

mais do que todas essas diferenças. Sua escrita, marcada por um sentimento musical e solenidade, em comparação com a de Ríos Vera, revela seu desejo de converter a fala em um padrão, em um espaço no qual a humanidade possa ser reconquistada.

Há entre ambos os poetas um objetivo evidente na busca pela compreensão da universalidade. Ríos Vera afirmou que “todo el mundo cabe en la palabra paz”, inclusivamente em suas cores, credos e costumes tão diversos. Pemán, apesar de sua sensibilidade clássica, também defendeu a ideia de uma cultura que, embora profundamente espanhola, pudesse dialogar com o universal. Em ambos, a palavra se transforma em ponte, em lugar de encontro, em território comum.

A diferença entre eles reside na maneira ideal de construir. Ríos Vera escreve com uma clareza contemporânea, direta, quase celebratória.

Este poema é uma canção expansiva, um manifesto que inspira o futuro. Pemán, por sua vez, escreve a partir de uma tradição mais solene, mais ancorada na retórica clássica e na musicalidade do verso. Enquanto Donde Ríos Vera exalta a diversidade como uma religião, Pemán tende a buscar a unidade da harmonia estética e moral. No entanto, coincide com o que as palavras dizem —

Quando estiver verde, pode ser transformada em uma arma pacífica, em uma ferramenta de concórdia.

Há também um ponto particularmente significativo: a defesa da pureza simbólica. Ríos Vera escreve: “Não permitimos que tenhamos a mancilla”, referindo-se à paz como uma pele branca e imaculada. No entanto, em muitos dos nossos poemas, eu também usei a imagem do branco,

o puro, o cristal como a metáfora dos valores que devem ser preservados. Ambos poetas recorrem a luz como símbolo de verdade e esperança.

E, sem exceção, a afinidade mais profunda entre eles está na convicção de que a paz — como a poesia — é um ato humano. Ninguém nasce dos governos nem das instituições, mas da vontade das aldeias, da aliança entre culturas, da palavra compartilhada. Rios Vera diz com clareza: a paz se defende “com a arma definitiva da palavra”. Pemán, desde sua tradição clássica, teria reconhecido em uma frase a essência da literatura: a palavra como força moral.

Assim, alguns dos outros, Juan Emilio Ríos Vera e José María Pemán, parecem conversar desde dos Cádiz distintos —uno contemporáneo, otro classic— mas com a mesma sensibilidade: a certeza de que a paz é um ideal que se constrói com a linguagem, com a beleza, com o respeito. E que a poesia, quando escrita a partir da sua convicção, pode converter-se num espaço em que o mundo entra sem excluir ninguém.

G. Campisi

BUENOS Y SABIOS VIENTOS

Bella Clara Ventura

A maré me traz sonhos.

En cada ola aparecen letras.

Húmedas se lizan por mi rostro.

O P se instalou nos olhos.

La A en el olfato.

O Z cabe nos sapatos.

Caminho da paz sem pisar seus mistérios.

Se entraga con su música.

O celestial e o divino invadem meu coração.

Na caixa, ela instalou sua presença.

Un llamado se hace sonoro.

Precisa de seu canto.

O coração tem a mesma sensação da
nossa pele nua.

O amor do dia e da noite.

Me desvela por un momento.

O anel para o semelhante que

entienda que a paz é nossa
essência.

Presente de um trabalho interior,

merecedor do plauso.

Perfume da humanidade.

Rocío de cada manana em seu despertar.

Ventos sábios e favoráveis.

Sabe onde atrair sua beleza.

Imparte sus dones.

Dádivas do amor.

Surtidor de bienestar.

Fonte de esplendores.

Bella Clara Ventura, poetisa e romancista mexicana-israelense. Autora de mais de 40 livros, publicados em diversas partes do mundo, com traduções e edições numeradas. Convidada para múltiplos encontros literários nos cinco continentes. Doutora Honoris Causa em 2010 pela Academia de Arte e Literatura dos Estados Unidos. Declarada uma das 50 mulheres mais importantes da cultura pela Universidade Santo Tomás de Bogotá. Agora você para de escrever porque a escrita é vida e parece que ela deve ser usada e projetada. Ama las letras, con ellas se engolosina y hace camino al andar.

Bella Clara Ventura e Jacobo Fijman: das sensibilidades místico-poéticas unidas pelo ônibus interior do país

A poesia de Bella Clara Ventura em *Buenos Aires e seus sabios* se apresentam como uma experiência sensorial e espiritual. A paz não é um conceito abstrato nem um ideal social: é uma presença viva que se encarna no coração, que se perde nos sentimentos, que se instala nos olhos, no perfume, no frasco. A autora transforma as palavras *em* um organismo que respira, que vibra, que interage com uma música “celestial e divina”. Cada letra —P, A, Z—

Você vê um sinal que toca a pele, que acompanha o caminho, que orienta uma transformação interior. A paz é essência, perfume, rocío, dádiva, fonte. Não se conquista: se reconhece. Não se impõe: se desperta.

É uma forma de conceber a paz como um fenômeno íntimo, até mesmo místico, com uma profunda ecologia na obra de **Jacobo Fijman**, o grande poeta argentino de origem judaica, nascido na Moldávia, que se formou e se consagrou no México, figura singular na poesia hispano-americana. Fijman, como Ventura, escuta a experiência espiritual como um processo sensorial e luminoso. Além dos poemas, a luz invade o coração, a palavra se revela, e a paz — número raro e raríssimo — surge como um estado de graça, como um resplandecente interior que transforma a percepção do mundo.

Ambos poetas comparam com uma sensibilidade que

podíamos ~~místico-corporea~~ ^{chamar} a espiritualidade não vive no pensamento, mas na carne. Ventura escreve: “La paz invade mi cuerpo”. Fijman, em muitos desses versos, já dizia que a luz “entra pelos olhos”, “queme el alma”, “purifica o sangue”. Compartilham a experiência interior como uma consciência física e palpável que atravessa seus sentimentos e seu significado.

A diferença entre eles reside na direção de sua experiência. Ventura caminha para a celebração: seu poema é um canto, um abraço, uma carícia. A paz é um deleite, um perfume, um rocío que desperta a humanidade. Fijman, em sua mudança, caminha para a ascensão: sua poesia é mais austera, mais nua, mais marcada pela busca do divino em meio ao sofrimento. Onde Ventura acaricia, Fijman purifica. Quando dançou com aqueles que vieram, ela ascendeu à luz. Contudo, isso coincide com o fato de que o país é uma obra interior, um estado que surge da transformação da alma.

Há também uma certeza na forma de se relacionar com a língua. Ventura joga com as letras, distribui no corpo, converte em sinais vivos. Fijman, a partir de sua tradição mística, também concebe a palavra como instrumento de revelação: cada termo é uma chave, um símbolo, uma ponte invisível. Os dois poetas creem na palavra como força criadora, como espaço onde o espiritual se faz matéria.

E, sem embargo, a preocupação mais profunda entre ambos reside na convicção de que a paz —como

A poesia é uma dádiva que é recebida e comparada.
Ventura escreve: "La anhelo para el semejante... que entienda
que la paz é nuestra esencia". No entanto, quando a luz é
silenciosa, você também deve sugerir que a luz interior só seja
detectada quando irradiada.

los otros. La paz, para ambos, is a state that expands, that
contagies, that a common good is seen.

Então, algumas das outras pessoas, Bella Clara Ventura e
Jacob Fijman, estão falando sobre diferentes áreas geográficas,
uma colombiana-mexicana, outra legal-mexicana, mas com a
mesma sensibilidade: é certo que o país não ouve nada, se
não estiver lá; que é um sabio coming that sabe dónde atracar;
que é um esplendor that nace of interior work and is converted
into a gift to the world.

G. Campisi

CÉU DE QUARENTENA

Miguel Werner

A reinicialização
global decretada pelos poderes deste mundo em
nossos últimos itens.

O céu do paciente
será respuesta.

As filhas e os filhos divinos
despertarão nos povos, e
também os títulos.

Sol e Lua brilharão na renovação
de Fe, juntamente
com as Estrelas da Esperança.
Ative seu brilho e amor originais.

Abraçar-se-á à nova humanidade e
celebrar-se-á, juntos, a
criação libertada, como uma
família, em paz.

Miguel Werner, Buenos Aires, Argentina - Licenciado em Comunicação Social (Universidade Nacional de Entre Rios, 1998). Paramos por uma década como fotógrafo social, colaborando em diversos meios de comunicação, e mais de 10 anos como correspondente de uma agência de notícias internacional. Realizou outras diversas tarefas periódicas, educativas, culturais, inter-religiosas e solidárias em diferentes entidades da sociedade civil.

Miguel Werner e Jorge Luis Borges: voltar miradas porteñas que leen el cielo como um destino compartilhado

A poesia de Miguel Werner em "*O Céu da Quarentena*" nasce de um tempo aqui, mas não se limita à superfície do acontecimento. Desde os primeiros versos — “O reset global / decretado pelos poderes deste mundo” — o poema se situa sob um guarda-chuva: a crise histórica é a base de uma transformação mais profunda. Werner não descreve a pandemia nem seus efeitos imediatos; prefere elevar o olhar a um plano semelhante, contemplando o céu, pacífico e tranquilo, preparado para sua resposta. Em sua visão, a humanidade não está sozinha: Sol, Lua e Estrelas ressurgirão em uma vida renovada, destruindo aldeias e abandonando uma “nova humanidade” que celebrará a criação “em família, em paz”.

Assim se lê o mundo do alto, convertendo os astros em interlocutores e a história em um cenário metafísico, encontra-se um eco natural em **Jorge Luis Borges**, o grande poeta clássico de Buenos Aires. Borges, ainda mais cético e menos professo, também concebe o universo como um tecido de símbolos que cada humanidade reconhece como reflexo no céu. Em muitos de nossos poemas, o Sol, a Lua e as Estrelas não possuem elementos decorativos: seus signos são de uma ordem secreta, de uma verdade que é mais insinuada do que expressa.

Entendido. Werner, com sua sensibilidade contemporânea, retornou à sua tradição e a transformou em uma canção de esperança.

Entre ambos os poetas, existe um objetivo evidente: relacionar o humano com o cósmico.

Werner escreve sobre a convicção de que os astros participam da renovação espiritual da humanidade. Borges, desde seu tom mais sóbrio, reconheceu nessa visão a estrutura simbólica que ele mesmo explorou: o universo como um livro aberto, onde cada luz é uma palavra e cada escuridão, um mistério. Eles entendem que o céu não é uma paisagem, mas sim uma linguagem.

A diferença entre eles reside na interpretação que fazem da linguagem. Werner escreve desde la esperanza: seu poema anuncia um despertar, uma celebração, uma humanidade reconciliada. Borges, por sua vez, escreve sobre a duda metafísica: sua visão é mais contemplativa, mais interrogativa, mas confiante na possibilidade de uma redenção coletiva. Onde Werner vislumbra um futuro luminoso, Borges o contempla, Borges o reflete. Ora, coincide que a poesia é a ponte entre o homem e o eterno.

Há também uma questão de compreensão em como conceber a crise. Segundo Werner, a crise global é o prelúdio de um renascimento espiritual. Para Borges, a crise — seja pessoal ou histórica — é um momento de revelação, um instante em que a humanidade compreende sua fragilidade e seu destino. Los dos poetas ven en la ruptura una oportunidad para mirar más allá de lo inmediato.

E, sem embargo, a afinidade mais profunda entre eles reside na convicção de que a paz é um estado de esperança diante de uma condição política. Werner disse explicitamente: la nueva humanidad celebrará la creación “as a family, in Peace”.

Borges, mesmo sem a mesma fórmula, sugere em muitos de seus poemas que a verdadeira paz é interior, uma serenidade que nasce do reconhecimento de nosso lugar no universo.

Assim, às vezes, Miguel Werner e Jorge Luis Borges falam de Buenos Aires diferentes — uma contemporânea, outra clássica — mas com uma sensibilidade semelhante: a certeza de que o destino humano se desenrola tanto na história quanto no céu, e que a poesia, quando se trata de ver acontecer, pode revelar o sentimento oculto do novo tempo.

G. Campisi

Conclusão

Este volume, **Diálogos de Paz: Poetas Contemporâneos em Conversação com os Clássicos Hispânicos**, se fecha com a mesma convicção do que foi concebido: a certeza de que a poesia é um território das épocas em que se encontra, das heridas dialógicas e onde a esperança se renova. Ao longo destas páginas, vozes contemporâneas de geografias distintas têm conversado com os grandes mestres da tradição espanhola, não para se refugiarem no passado, mas para iluminar o presente com uma visão mais ampliada, mais profunda, mais humana.

Esta análise comparativa mostrou que, ponderando as diferenças de tempo, estilo e sensibilidade, os poetas compartilham um impulso essencial: **o testemunho da condição humana**. Trata-se de guerra ou natureza, memória ou intimidação, denúncia ou contemplação, tudo escrito para a compreensão e para a saúde. O livro — tema central desta obra — surge não como um ideal abstrato, mas como um problema ético que permeia sua gênese.

Os clássicos hispânicos carregam a raiz, a tradição, a profundidade histórica. Os poetas contemporâneos carregam a urgência, a necessidade premente, a necessidade de decidir o que fazer. Entre nós e os outros, há um ponto que demonstra que a literatura não é uma sucessão de vozes conhecidas, caso contrário...

Prosseguiu uma conversa que atraviesa siglos y fronteras.

Este livro convida o leitor a ler esta conversa. A descobrir que a poesia pode ser um ato de resistência luminosa, um espaço de consolo, um gesto de responsabilidade. E, sobretudo, a compreender que a paz —como a palavra—

O termo "solo" existe quando comparado.

O que são estas páginas de Sirvan, entoa, como um registro e como um compromisso: **a poesia é um lugar onde a humanidade pode ser encontrada, reconquistada e viajada com a luz sem já ter Nadie Atrás, como escrevo minhas palavras em seu último poema.**

G. Campisi



Nota biográfica

Giovanni Campisi, editor, escritor, poeta, ensaísta, tradutor e literário, nasceu em Galati Mamertino em 1956. Ao longo de seu trinta e cinco anos de atividade literária recebeu numerosos prêmios na Itália e, sobretudo, no exterior.

Entre os reconhecimentos mais significativos estão várias indicações ao Prêmio Nobel por associações culturais internacionais, o doutorado *honorário* em ciências humanas concedido pela Universidade Interamericana de Estudos Humanísticos (Flórida, EUA) e o título *honorário*.

Doutor em Literatura (Litt.D.) concedido pelo Centro Internacional de Tradução e Pesquisa de Poesia, com registro simultâneo nos Estados Unidos e na República Popular da China.

Ha escreveu números que nós escrevíamos em vários idiomas. Este ano ele publicou:

- **L'Universo Donna nella Poetica di Ornella Cappuccini**
(em italiano),
- **L'Universo Donna nei Dipinti di Maria Kalatzi** (em cinza),
- **Weibliche Identitätsmodelle in der Poetik Kurt Svateks**
(em alemão),
- **A voz da floresta**, ensaio, narração e poesia (em italiano e inglês).

Índice Geral

Prefácio Diálogos de Paz: Poetas Contemporâneos	3
Em diálogo com os clássicos hispânicos	6
Nadie deve cair atrás, <i>Renza Agnelli</i>	6
O passo como legado e como missão:	
<i>Renza Agnelli</i> em diálogo com <i>Antonio Machado</i>	8
Guerra e Paz, <i>María del Carmen Aranda</i>	11
<i>María del Carmen Aranda</i> e <i>Francisco de Quevedo</i> : as miradas das madrileñas hacia la herida del mundo	13
A Flor da Paz, <i>María Cristina Azcona</i>	15
<i>María Cristina Azcona</i> e <i>Leopoldo Lugones</i> : as formas argentinas de imaginar a paz e a luz	16
À medida que as espadas oxidam, <i>Antonia María Carrascal</i>	19
<i>Antônia Maria Carrascal</i> e <i>Gustavo Adolfo</i> <i>Bécquer</i> : duas vozes sevilhanas que buscam a paz desde o intimidado	21
Em busca da paz, <i>Higorca Gómez Carrasco</i>	24
<i>Higorca Gómez Carrasco</i> e <i>Joan Maragall</i> em diálogo sobre paz e natureza	25
Guerra na Ucrânia, <i>Sara Ciampi</i>	28
<i>Sara Ciampi</i> e <i>César Vallejo</i> : um diálogo entre seres humanos aqui	29
A Última Batalha, <i>Vasiliki Dragouni</i>	31
<i>Vasiliki Dragouni</i> e <i>Octavio Paz</i> : miragens traseiras que nasceram do caos	33
Paz, paz, paz <i>Elías Domingo Galati</i>	36
<i>Elias Domingo Galati</i> e <i>Evaristo Carriego</i> em um mesmo latido porteño	37

A paz não se constrói com palomas, <i>Isa Guerra</i>	40
<i>Isa Guerra e Tomás Morales</i>	
Antes do conflito e da esperança	42
de La Paz,	
<i>Azucena dos Angeles Farías Hernández Azucena</i>	45
<i>dos Angeles Farías Hernández</i>	
em diálogo com o quarteto <i>Amado</i>	46
<i>Nervo Jazz "Canto a la Libertad",</i>	
<i>Luís Ángel Marín Ibáñez Luís</i>	49
<i>Ángel Marín Ibáñez e Gustavo Adolfo Bécquer</i>	
antes da música, da noite e da liberdade	51
Considerem-me culpado. Uma palavra de discurso e cura,	
<i>Ernesto Kahan</i>	54
<i>Ernesto Kahan e Juan Gelman: as vozes que foram</i>	
escritas a partir do coração já sangrento	56
Na nova terra, paz.	
<i>Maria Consuelo Pons Lafuente</i>	58
<i>Maria Consuelo Pons Lafuente</i>	
em diálogo com <i>Joaquín Dicenta</i>	60
<i>PAZ, Giuseppe Malerba Giuseppe</i>	63
<i>Malerba e Jorge Luis Borges:</i>	
de volta ao modo de ver a paz da luz <i>PAZ, Soledad</i>	64
<i>Martínez Soledad Martínez</i>	66
em diálogo com	
<i>Frei Luís de Leão</i>	67
Paz na Bósnia e Herzegovina, <i>Pero Pavlović</i>	69
<i>Pero Pavlović</i> em diálogo com <i>Fray Luis de León</i>	70
Gerar paz,	
<i>Maria del Socorro Maestro Payró</i>	72
<i>Maria del Socorro Maestro Payró</i>	

em diálogo com <i>Netzahualcóyotl</i>	73
<i>Oráculo, Cristina Pizarro Soldi</i>	75
<i>Cristina Pizarro Soldi</i> em diálogo com <i>Oliverio Gironde O</i>	76
ser humano, <i>Chicha Cerecedo Rego Chicha</i>	78
<i>Cerecedo Rego e Rosalía de Castro:</i> um diálogo galopante sobre a condição humana	79
Utopia Humana, <i>Susana Ribolo</i>	81
<i>Susana Ribolo e Juan L. Ortiz:</i> das miradas santafesinas hacia la utopia interior	82
Pela paz, <i>María Rosa Rzepka</i>	84
<i>María Rosa Rzepka e Alfonsina Storni:</i> voltar vozes porteñas que siembran la paz da herança do mundo Va,	86
pensiero, <i>Kurt F. Svatek</i>	88
<i>Kurt F. Svatek e Antonio Machado:</i> as vozes que questionam o país sobre a fragilidade do mundo	90
Em nome da paz, <i>Encarna Gómez Valenzuela</i>	93
<i>Levando Gómez Valenzuela e Antonio Machado:</i> suas vozes jiennense que são convocadas à paz desde la dignidad humana	95
Soldado, <i>Patricia Vena</i>	97
<i>Patrícia Vena e Atahualpa Yupanqui:</i> das vozes argentinas que le hablan al soldado desde a humanidade	98
Paz, <i>Juan Emilio Ríos Vera</i>	100
<i>Juan Emilio Ríos Vera e José María Pemán:</i> dos gaditanos que elevam a palavra "paz" tem que convertê-lo em um universal ideal	102

Buenos e sabios comeos, <i>Bella Clara Ventura</i>	105
<i>Bella Clara Ventura e Jacobo Fijman:</i>	
das sensibilidades místico-poéticas unidas	
pelo ônibus interior do país	107
Céu de cuarentena, <i>Miguel Werner</i>	110
<i>Miguel Werner e Jorge Luis Borges:</i>	
voltar miradas porteñas que leen el cielo	
como um destino compartilhado	111
Conclusão	114
Nota biográfica	116

Índice de autores

Poetas contemporâneos

Agnelli, Renza	6-8
Aranda, María del Carmen	11-13
Azcona, María Cristina	14-16
Carrascal, Antonia María	19-21
Gómez Carrasco, Higorca	24-25
Ciampi, Sara	28-29
Dragouni, Vasiliki	31-33
Galati, Elías Domingo	36-37
Guerra, Isa	40-42
Ángeles Farías Hernández, Azucena de los	45-46
Marín Ibáñez, Luís Ángel	49-51
Kahan, Ernesto	54-56
Pons Lafuente, María Consuelo	58-60
Malerba, Giuseppe	63-64
Martínez, Soledad	66-67
Pavloviĭ, Pero	69-70
Socorro Maestro Payró, María del Pizarro	72-73
Soldi, Cristina Cerecedo,	75-76
Rego Chicha Ríbolo, Susana	78-79
Rzepka, María	81-82
Rosa Svatek, Kurt F.	84-86
	88-90
Gomez Valenzuela, Encarna	93-95
Vena, Patricia	97-98
Rios Vera, Juan Emilio	100-102
Ventura, Bella Clara	105-107
Werner, Miguel	110-111

Clássicos hispânicos em diálogo

Bécquer, Gustavo Adolfo	21-51
Borges, Jorge Luis	111
Carriego, Evaristo	37
Castro, Rosalía de	79
Dicenta, Joaquín	60
Fijman, Jacobo	107
Gelman, Juan	56
Girondo, Oliverio	76
León, Fray Luis de	67-70
Lugones, Leopoldo	16
Machado, Antonio	8-64-90-95
Maragall, Joan	25
Morales, Tomás	42
Nervo, Amado	46
Netzahualcóyotl	73
Ortiz, Juan L.	82
Paz, Octavio	33
Pemán, José María	102
Quevedo, Francisco de	13
Storni, Alfonsina	86
Vallejo, César	29
Yupanqui, Atahualpa	98

Bibliografia

1. Renza Agnelli y Antonio Machado 1. Poeta 8
contemporáneo — Renza Agnelli • Agnelli, Renza. 6
“Nadie deve ficar atrás”. No
crítica: *CENTRO CULTURAL SÃO FRANCISCO*
SOLANO, dirigido por Marcelo Guerin, Argentina, 2025.
2. Clássico hispânico — Antonio Machado • 8
Machado, Antonio. *Campos de Castela*. Ed. Catedra, Madrid.
2. María del Carmen Aranda y Francisco de Quevedo 11
1. Poeta contemporânea — María del Carmen Aranda 9
• Aranda, Maria del Carmen. “Guerra e Paz”. In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, 2022.
2. Clássico hispânico – Francisco de Quevedo 11
• Quevedo, Francisco de. *Poesia completa*. Ed. José Manuel Blecua, Gredos.
3. María Cristina Azcona y Leopoldo Lugones 1. Poeta 15
contemporáneo — María Cristina Azcona 14
• Azcona, Maria Cristina. “A flor do país”. In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, 2022.
2. Clássico hispânico – Leopoldo Lugones 15
• Lugones, Leopoldo. *Lunario sentimental*. Ed. Losada.
4. Antonia María Carrascal y Gustavo Adolfo Bécquer 21
1. Poeta contemporânea — Antonia María Carrascal 19

- Carrascal, Antônia Maria. “À medida que as espadas se oxidam”.
In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, 2022.

2. Clássico Espanhol – Gustavo Adolfo Bécquer

- Bécquer, Gustavo Adolfo. *Rimas e leyendas*. Ed. Cátedra.

5. Higorca Gómez Carrasco y Joan Maragall 1. Poeta 25
contemporáneo — Higorca Gómez Carrasco 24
- Gómez Carrasco, Higorca. “Em busca da paz”. In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, 2022.

2. Clássico Espanhol — Joan Maragall

- MARAGALL, Joana. *Obres completos*. Ed. Seleccione.

6. Sara Ciampi y César Vallejo 1. 29
Poeta contemporáneo — Sara Ciampi • Ciampi, 28
Sara. “Guerra na Ucrânia”. In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*,
Edizioni Universum, 2022.

2. Clássico Espanhol — César Vallejo

- Vallejo, César. *Poemas humanos*. Ed. Losada.

7. Vasiliki Dragouni y Octavio Paz 1. Poeta 33
contemporáneo — Vasiliki Dragouni • Dragouni, 31
Vasiliki. “A última batalha”. In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*,
Edizioni Universum, Trento, 2022.

2. Clássico Espanhol — Octavio Paz

- Paz, Otávio. *El arco vai ler lá*. Fundo de Cultura Económica de Espanha, Madrid, 1972

8. Elías Domingo Galati y Evaristo Carriego 1. Poeta 37
contemporáneo — Elías Domingo Galati 36

- Galati, Elias Domingo. "Paz, paz, paz." In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, Trento, 2022.
- 2. Clássico rioplatense – Evaristo Carriego
- Carriego, Evaristo. *Misas herejes*. Editorial La Cultura Argentina, 1908.
- 9. Isa Guerra y Tomás Morales 42
- 1. Poeta contemporânea — Isa Guerra 40
- Guerra, Isa. "La paz não se constrói com palomas". In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, Trento, 2022.
- 2. Canário Clássico - Tomás Morales
- Morales, Tomás. *Las Rosas de Hércules*. Imprenta La Verdad, Las Palmas de Gran Canaria, 1922.
- 10. Azucena de los Angeles Farías Hernández y Amado Nervo 46
- 1. Poeta contemporânea — Azucena de los Angeles Farías Hernández 45
- Farías Hernández, Azucena de los Angeles. "A paz". In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, Trento, 2022.
- 2. Clássico Mexicano - Amado Nervo
- Nervo, Amado. *La amada imóvil*. Editorial Maucci, Barcelona, 1922.
- 11. Luís Ángel Marín Ibáñez y Gustavo Adolfo Bécquer 51
- 1. Poeta contemporâneo — Luís Ángel Marín Ibáñez 49
- Marín Ibáñez, Luís Ángel. "Quarteto de Jazz "Canto a la Libertad"". In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, Trento, 2022.

2. Clássico Espanhol – Gustavo Adolfo Bécquer
 - Bécquer, Gustavo Adolfo. *Rimas*. Imprenta e Libreria de Gaspar y Roig, Madrid, 1871.
12. Ernesto Kahan y Juan Gelman 56
1. Poeta contemporâneo — Ernesto Kahan • Kahan, 54
- Ernesto. “Declare-me culpado.” In: [Editado em 2025](#).
2. Clássico argentino — Juan Gelman
 - Gelman, Juan. *Cólera buey*. Editorial Seix Barral, Barcelona, 1971.
13. María Consuelo Pons Lafuente y Joaquín Dicenta 60
1. Poeta Contemporânea — María Consuelo Pons Lafuente 58
- Pons Lafuente, Maria Consuelo. “Na nova terra a paz”. In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, Trento, 2022.
2. Clássico Espanhol - Joaquín Dicenta
 - Dicenta, Joaquín. *João José*. Imprenta da Revista de Legislação, Madrid, 1895.
14. Giuseppe Malerba y Antonio Machado 1. Poeta 64
- contemporâneo — Giuseppe Malerba • Malerba, 63
- Giuseppe. “La paz” (versão em espanhol). In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, Trento, 2022.
2. Clássico Espanhol — Antonio Machado
 - Machado, Antônio. *Campos de Castela*. Renascimento, Madrid, 1912.
15. Soledad Martínez y Fray Luis de León 67

1. Poeta contemporânea — Soledad Martínez • 66
Martínez, Soledad. "Paz." In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, Trento, 2022.
2. Clássico Espanhol - Fray Luis de León
• Frei Luís de Leão. *Poemas*. Imprenta de Benito Cano, Madrid, 1791.
16. Pero Pavlovič y Fray Luis de León 1. 70
Poeta contemporâneo — Pero Pavlovič • 69
Pavlovič, Pero. "Paz." In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, Trento, 2022.
2. Clássico Espanhol - Fray Luis de León
• Frei Luís de Leão. *Poemas*. Imprenta de Benito Cano, Madrid, 1791.
17. María del Socorro Maestro Payró y Netzahualcóyotl 73
1. Poeta contemporânea — María del Socorro Maestro Payró 72
• Maestro Payró, María del Socorro. "Gerar a paz é sua missão". In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, Trento, 2022.
2. Clássico Mexicano — Netzahualcóyotl
• Netzahualcóyotl. *Cantores mexicanos* (poesia atribuída). Edição facsimilar da Biblioteca Nacional do México, Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM), 1985.
18. Cristina Pizarro Soldi y Oliverio Gironde 76
1. Poeta Contemporânea — Cristina Pizarro Soldi 75
• Pizarro Soldi, Cristina. "Oráculo". In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, Trento, 2022.

2. Clássico Argentino - Oliverio Gironde
 - Gironde, Oliverio. *Persuasão dos dias*. Editorial Losada, Buenos Aires, 1942.
19. Chicha Cerecedo Rego y Rosalía de Castro 1. Poeta 79
contemporânea — Chicha Cerecedo Rego 78
 - Cerecedo Rego, Chicha. "O ser humano." In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, Trento, 2022.
2. Gallega Clássica - Rosalía de Castro
 - Castro, Rosalía de. *Follas novas*. Juan Compañel, Vigo, 1880.
20. Susana Ribolo y Juan L. Ortiz 82
 - 1. Poeta contemporânea — Susana Ribolo • 81
Ribolo, Susana. "Utopia Humana". In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, Trento, 2022.
 - 2. Clássico Argentino — Juan L. Ortiz
 - Ortiz, Juan L. *En el aura del molho*. Editorial Biblioteca Vigília, Rosário, 1970.
21. María Rosa Rzepka y Alfonsina Storni 1. Poeta 86
contemporânea — María Rosa Rzepka • Rzepka, María 84
Rosa. "Pela paz." In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, Trento, 2022.
2. Clássico Argentino - Alfonsina Storni
 - Storni, Alfonsina. *Peso ancestral*. In: *Mundo de siete pozos*, Editorial Tor, Buenos Aires, 1934.
22. Kurt F. Svatek y Antonio Machado 90
 - 1. Poeta contemporâneo — Kurt F. Svatek • Svatek, 88
Kurt F. "Vá, pense." In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, Trento, 2022.

2. Clássico Espanhol — Antonio Machado
 - Machado, Antônio. *Campos de Castela*. Renascimento, Madrid, 1912.
23. Encarna Gomez Valenzuela y Antonio Machado 95
 1. Poeta Contemporânea — Encarna Gómez Valenzuela
- 93
 - Gómez Valenzuela, Encarna. “No número da paz”.
- In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, Trento, 2022.
2. Clássico Espanhol — Antonio Machado
 - Machado, Antônio. *Campos de Castela*. Renascimento, Madrid, 1912.
24. Patrícia Vena y Atahualpa Yupanqui 1. Poeta 98
 - contemporânea — Patrícia Vena • Vena, Patrícia. 97
- “Soldado”. In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, Trento, 2022.
2. Clássico argentino — Atahualpa Yupanqui
 - Yupanqui, Atahualpa. *O pagador persiste*. Editorial Peña Lillo, Buenos Aires, 1957.
25. Juan Emilio Ríos Vera y José María Pemán 102
 1. Poeta contemporâneo — Juan Emilio Ríos Vera 100
- Ríos Vera, Juan Emílio. “Paz.” In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, Trento, 2022.
2. Clássico Espanhol – José María Pemán
 - Peman, José María. *Poemas*. Editorial Escelicer, Madrid, 1944.
26. Bella Clara Ventura y Jacobo Fijman 1. Poeta 107
 - contemporânea — Bella Clara Ventura 105

- Ventura, Bela Clara. “Buenos e sabios vêm.” In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, Trento, 2022.

2. Clássico argentino — Jacobo Fijman

- FIJMAN, Jacobo. *Capas completas*. Edições Culturais Argentinas, Ministério de Educação e Justiça, Buenos Aires, 1956.

27. Miguel Werner y Jorge Luis Borges 1. 111

Poeta contemporâneo — Miguel Werner • 110

Werner, Miguel. “Cielo de cuarentena”. In: *PAX TOTO ORBE TERRARUM*, Edizioni Universum, Trento, 2022.

2. Clássico Argentino — Jorge Luis Borges

- Borges, Jorge Luís. *O hacedor*. Editorial Emecé, Buenos Aires, 1960.